

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Beça, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENASÇENÇA GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES: Direcção: T. 152
Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

“PORTUGAL,”

A conferencia realizada ontem

na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto

pelo nosso director

A convite da direcção da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, o sr. dr. Joaquim Manso foi ontem ao Porto fazer uma conferencia sobre Portugal — conferencia que se realizou, pelas 21 horas e meia, no Salão de Festas da prestigiosa colectividade.

Presidiu o sr. dr. Gaspar Baltar, secretariado pelo sr. dr. Cardim, professor da Faculdade de Letras, e pelo sr. Julio Ribeiro, director da Montanha.

Feita a apresentação, á numerosa e selecta assistencia, pelo sr. presidente, que teve para com o sr. dr. Joaquim Manso expressões de grande gentileza, este deu começo á sua conferencia que foi ouvida, com o maior interesse.

Terminada ella, o sr. dr. Gaspar Baltar voltou a usar da palavra, salientando o seu valor literario e a sua intenção patriótica. As suas palavras foram cobertas de aplausos. Seguiu-se um «Porto de Honra» em que se brindou ao jornalismo portuense e lisboeta.

Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

Escolhi para tema desta minha rápida e ligeira conferencia a palavra mais evocadora, mais sentida e mais cheia de terra, ceo e mar, entre todas as que passam pelos nossos lábios para traduzir, sonozar o nosso orgulho, tornando-o superior ás misérias terrenas, como um estandarte arvorado, no alto duma cidadela.

Escuso de frisar que não nutro a louca pretensão de esgotar o significado profundo e multiplo dum nome em que têm palpitado todos os destinos, todos os roteiros, todas as magoas e todas as esperanças dos povos que conhecem o bem e o mal, porque eles proprios rasgaram o misterio das coisas, violaram o segredo dos deuses, desafiando o homem dos seus velhos cativéis.

Portugal entende da Natureza e da Escritura, porque, na sua historia, se contam já oito seculos, e também as lições duma experiencia que se adquiriu penosamente beijando o pó das estradas — as estradas das cinco partes do mundo, ou erguendo a fronte para colocar junto de Deus os frutos das suas aventuras — áquem e além do limite em que se haviam fixado as barreiras da sciencia e da prudencia humanas.

Uma literatura inteira em que a arte de cantar, narrar, visionar e fulgar se variou até ao infinito, cabendo dentro dela a paisagem, o amor, o claustro, as batalhas e os heroísmos de quem vence, largando os trofeus e louros da bravura, porque fez deles um cilício para a sua sede gloria — uma literatura, pobre, talvez, de imaginação e fantasia, mas trabalhando ardentemente a substancia inexgotável da verdade, colhida nas fon-



DR. JOAQUIM MANZO

tes onde canta ou murmura a vida e onde a morte levanta o seu sombrio e denso veu, a fim de alargar o nosso sentimento das distancias — uma literatura em que a alma e o corpo se bateram em rudes combates, através da poesia, da epopeia, das viagens, das crónicas e das meditações, para um dia se abraçarem na certeza de que em nós tudo tem o seu valor e o seu mérito, porque o homem não pode negar nem recusar a mais leve particula do seu ser —

uma literatura inteira, dizia eu, tem celebrado, lavrado e afeiçoado, no alor fremente da inspiração e do sonho, as grandezas de Portugal, de modo que Portugal, por cada ano que passa, cresça em mocidade e beleza.

Como ousaria eu, que consumo os meus dias na tarefa ingloria e exaustiva de dirigir um jornal, a fim de na marcha veloz dos acontecimentos deixar cair uma gota de tinta efemera, abraçar um assunto tão vasto, opulento de melo-

dias e de palpitações — algumas das quais estão cativas nas estrofes dos *Lusiadas*?

A modestia, em certos casos, poderá ser ainda uma maneira cautelosa de nós vestirmos a nossa vaidade, com as penas do amor proprio ferido, desenganado. Declaro, porém, que nie julgo tão incapaz de mentir á minha humilissima consciencia, como Napoleão á sua estrela. A compreensão do que valho tira-me a coragem para medir Portugal, segunda as forças do meu estro, pois lhe voto um culto, uma total adoração, mas no silencio e na placidez das minhas horas claustrais, sem pecado.

Que farei, então?

Vou seguir o exemplo do mendigo que pedia esmola, gemendo: — Valei-me, agora, que morro de fome...

E como alguém lhe perguntasse: — E amanhã, como contas tu viver? — respondeu: — Com o pão que hoje me derem.

Deixo Portugal, avô de oito seculos e caminheiro da imensidade terrestre e maritima, senhor de imperios e monumentos, poeta enamorado de quimeras e aparições e considero nele simplesmente o povo que chegou á modernidade, com os pés a sangrar, a colera a trair-lhe o cansaço, mas o animo robusto a sobrepôr-se aos azares da fortuna, dando-lhe vigor para crer que o seculo presente, a era que atravessamos não é uma porta cerrada, mas uma perspectiva aberta para a luta e para o triunfo.

Procederei como o mendigo: farei do Portugal de hoje, convencido de que me certifico do Portugal de amanhã. O fulgor dum instante reflectirá a imagem das imagens, o momento dos momentos. Num pequeno espelho, remi-ra-se o vulto de milhares de pessoas — de familias que se sucedem. Numa gota de agua desenhase a curva da abobada celeste.

Todos nós, alegres ou tristes, confiados ou desconfiados, grandes ou pequenos, velhos ou novos, místicos ou pagãos, sabemos, com maior ou menor discernimento, que somos responsaveis, perante as gerações futuras, pelo modo como houvermos sido fieis á religião da nossa Patria.

Ninguém alegue, portanto, ignorancia, desculpando-se:

— Falton-me quem mostrasse o que urgia fazer para bem servir e amar.

O português nunca desconhece o seu caminho, quando se trata da sua Patria: basta-lhe limpar o coração de odios e impurezas.

Actualmente, aparecem, aqui e além, moços que se proclamam guardas e defensores da tradição, os quais imaginam que o penhor da

(A ser continuada na 2.ª pagina)

Radiotonia

Programas escolhidos

Para esta noite recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissões estrangeiras:

A's 19.00, de **Radio-Paris** (1.721,1 m.): «Le genre de M. Poirier», comédia de Emile Augier. A's 20.30, Concerto (Mozart, Scarlatti, Sokolow, Brahms, Schumann).
A's 19.00, de **Langenberg** (472,4 m.): Concerto (Delibes, Rubinstein, Scassola, Nevin, Pesse, Tchaikowsky, Kreisler, etc.).
A's 19.00, de **Madrid** (424,3 m.): Concerto de piano (Liszt, Schubert, Albeniz, Poulenc, Chopin).
A's 19.15, de **Toulouse-Midi** (431 m.): Melodias (Debussy, Dandier, Lenoir, Schubert, Grieg). Musica militar (Bary, Sall, Mougeot). A's 20.00, uma comédia.
A's 19.20, de **Torre Eiffel** (1.445,8 m.): Concerto (Gluck, Haydn, Cavallini, Cesar Franck, Saint-Saëns, Fauré, etc.). Canções populares espanholas.
A's 19.30, de **Paris P.T.T.** (447 m.): Comemoração do Centenario de Mistral. «Mireille» (Gounod). Solos, coros e orquestra. 150 executantes sob a direcção de Victor Charpentier.
A's 20.00, de **Radio-Mareo** (416,4 m.): Concerto (Debussy, Fauré, Poulenc, Ravel, Gluck, Chabrier, etc.).
A's 20.03, de **Toulouse-Pyrénées** (255 m.): Concerto de orquestra (Berlioz, Lalo, Massenet, Saint-Saëns, Lehar, Liszt).
A's 20.02, de **Roma** (441,2 m.): Canções lombardas, milanesas e piemontesas. Musica de dança.
A's 20.15, de **Londres-Regional** (356,3 m.): Concerto Wagner (Lohengrin, Siegfried).
A's 20.30, de **Milão** (500,8 m.): «La Gioconda» (Ponchielli).
A's 20.45, de **Argel** (363,6 m.): Concerto vocal e instrumental.
A's 20.50, de **Londres-National** (1.554,4 e 281,3 m.): Musica de camera (Partini, Schubert, Bantock). A's 22.00, musica de dança.

TERMAS DO LUSO

Inaugurou-se ontem a temporada desta magnifica estância termal, uma das mais afamadas do pais e situada junto do Búaco, que é incontestavelmente um dos mais lindos lugares de Portugal e um admiravel centro de turismo.

Os estabelecimentos termas, que estão a ser constantemente melhorados e ampliados funcionam sob a direcção de um distinto medico que ao estudo daquelas aguas tem dedicado a maior atenção, possuem uma ampla piscina, onde a agua é constantemente renovada, e um magnifico balneario com os mais aperfeiçoados aparelhos hidroterapicos.

Durante toda a temporada, que dura de 1 de Junho até 30 de Outubro, funciona permanentemente um elegante casino, onde as festas e as diversões se sucedem.

No Luso, que é a estância termal mais frequentada do pais, ha bons oteis com toda a comodidade moderna.

"A Dedicção"

Vende-se em todas as livrarias de Lisboa, por 5\$00 esta linda novela de Sousa Nunes.

BOLSA DE LISBOA
2 de Junho
CONTADO

VALORES	100.000	Compra	Venda
P. Int. 5 1/2 0/0 1923 O.	950\$00	949\$00	950\$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	990\$00	988\$00	993\$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	—	1.000\$00
P. Ext. 3 0/0 3.ª série...	1.025\$00	1.030\$00	1.035\$00
Banco Com. de Lisboa	—	510\$00	515\$00
Banco Lisboa & Açores	515\$00	514\$00	520\$00
Banco de Portugal	1.020\$00	1.015\$00	1.025\$00
Banco Port. e Brasileiro	—	—	—
C. O. F. de Benguela	—	—	1.625\$00
C. O. F. N. L. 30/0 2.ª g.	59\$00	59\$00	60\$00
C. das Aguas de Lisboa	—	—	335\$00
C. Gaz e Electric. cou.	258\$00	258\$00	259\$00
Soc. Industrial Alliança	—	—	—
C. Portugal e Colonias	107\$50	107\$50	108\$00
C. Nac. de Navegação	255\$00	253\$00	—
C. Tabacos de Portug.	418\$00	415\$00	424\$00
C. Portug. de Tabacos	317\$50	317\$00	318\$00
The Match Tobacco T	—	—	—
C. C.ª	67\$00	67\$00	67\$50
Tabaqueira	—	—	—
J.ª Amboim	121\$00	122\$50	123\$50
J.ª Col. Buz. 1.ª emissão	60\$00	59\$00	60\$50
J.ª Col. Buz. 2.ª emissão	—	—	—
J.ª de Seguros Mundial	1.400\$00	1.400\$00	—
C.ª Ilha do Principe.	—	—	—

CAMBIOS
NOTAS ESTRANGEIRAS

PRAÇA	Compra	Venda
Londres	108\$20	108\$40
Paris	87,5	88
Madrid	2670	2674
New-York	22\$17	22\$25
Zurich	4\$33	4\$31
Roma	1\$16	1\$17
Pruxelas	\$61	\$62
Amsterdão	8\$20	8\$27
Berlim	5\$30	5\$32
Praga	\$65	\$66,2
Rio de Janeiro	2\$15	2\$60

PROBLEMAS MUNICIPAIS

A HIGIENE da cidade

Segundo noticiaram ha dias os jornais, a Junta Urbana de Higiene, entre outras coisas que merecem todo o nosso aplauso, resolveu ponderar a Camara a conveniencia de, em todos os bairros da cidade, criar o maior numero possivel de lavadouros publicos, com estufas apropriadas, a fim de se acabar com um dos piores aspectos, embora se trate de roupa lavada, que apresenta a capital em dias de sol, facto este que constitui uma evidente e clarissima infracção á postura municipal que não permite a secagem de roupa em janelas, portas e muros que deitem para a via publica.

Sem avançarmos que a roupa estendida nas janelas dê um aspecto repelente e sujo á cidade, como se dizia na noticia a que nos vimos referindo, não deixamos, porém, de reconhecer que muitas das janelas da capital, onde se estende roupa, constituem um verdadeiro estendal de miseria e desgraça que se exhibe á luz do sol.

Outras janelas, nas mais importantes arterias citadinas, pelo espectáculo bizarro que devem oferecer aos turistas que nos visitam, dão, de facto, excelentes «clichés» demonstrativos do nosso atraso, daquele atraso que tantos estrangeiros têm ás vezes interesse em exagerar ou avolumar, pois ninguém de boa fé poderá deixar de reconhecer razão a quem afirme que a capital dum pais civilisado que, em dias bonitos, só tem para colocar

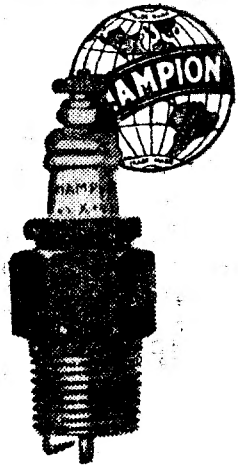
as janelas, desde os cueiros dos meninos ás peugas e ceroulas dos respectivos moradores, se coloca, de facto, com tão estapafúrdio espectáculo, na contingencia de merecer os mais engraçados comentarios, as mais severas censuras.

Por tudo o que deixamos exposto, damos, sem qualquer reserva, o nosso inteiro aplauso ao interessante alvitre da Junta Urbana de Higiene a que nos vimos de referir, e oxalá ele, por parte da Camara, encontre o entusiastico acolhimento a que tem incontestavel direito.

E' tão incontestavel, quanto é certo que tendo a Camara contraído ha pouco um importante emprestimo na Caixa Geral de Depositos, tem assim, agora, uma excelente occasião de proporcionar aos municipes um tão util melhoramento, ao mesmo tempo que tirará á capital o aspecto marroquino que lhe vem dando a exhibição bizarra, para lhe não chamarmos grotesca, que alguns dos seus moradores, por absoluta necessidade, lhe emprestam.

Para a criação dos referidos lavadouros muito poderiam contribuir, com a sua acção, secundando a da Camara, as Juntas de Freguesia, pelo que, para o louvavel alvitre da Junta Urbana de Higiene, chamamos, também, a sua atenção, convictos de que interpretamos o sentir de grandes numero dos habitantes da capital.

D. C.



A Vela

"CHAMPION"

Triunfa este ano na famosa prova de velocidade pura

2.º GRAND PRIX DE MONACO

TARGA — FLORIO

1000 milhas do A. C. DE BRESCIA

Corrida da rampa de ARGENTEUIL
CIRCUITO DAS CAPITALS DA EUROPA

Circuito d'ESTEREL-PLAGE

Rallye PARIS-PAU

III Quilometro de arranque em LISBOA

Sempre em stock para todos os tipos de carros

C. SANTOS, L.ª

55, Rua do Crucifixo, 59 — LISBOA

No Royal Cine

GRANDE SUCESSO

emocionante drama de costumes regionais. Filme cantado por Conchita Viquer, etc. Filme característico onde repassa toda a vida de Espanha—Touros, vindimas, canções, danças.



Alma Andaluza

saetas, malagueñas, etc.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã annos as sr.ªs:

Condessa da Póvoa, D. Maria do Carmo de Abreu Peixoto, D. Maria Amélia de Castro e D. Maria Amélia da Costa Henriques.

E os srs.:

Barão de Sabroso, dr. Eduardo de Castro e Almeida, José Mateus de Almeida de Mendia, Manuel de Melo Campelo, Francisco dos Santos Pereira e Antonio Saldanha.

Diplomatas

No «restaurant» do Casino Internacional do Monte Estoril, ofereceram ontem um almoço em honra do sr. comandante Fernando Branco, illustre ministro dos Negocios Estrangeiros e da sr.ª D. Sara Bensaude Lemoine Branco, o sr. general Loynaz del Castillo, illustre ministro de Cuba em Portugal, e Madame Loynaz del Castillo, o qual decorreu no meio da maior animação e alegria.

Presidiu madame Loynaz del Castillo, que tinha á sua direita, o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, Madame Pralon e o sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida e á esquerda o sr. Embaixador de Espanha, Madame Ouang e o sr. dr. Izaguy, tomando lugar em frente o sr. general Loynaz del Castillo, que tinha á sua direita a sr.ª D. Sara Bensaude Lemoine Branco, ministro de França e a sr.ª D. Maria de Castro Ferreira de Almeida e á esquerda Madame Almeida Herrera, ministro da China e a sr.ª D. Regina Bensaude Lemoine Branco, tendo as cabeceiras sido occupadas pelas sr.ªs D. Carmen Almeida e D. Fernanda Bensaude Lemoine Branco.

Na Costa do Sol

No «Hall» das Termas

O baile, que, na noite de quinta-feira passada, se realizou no vasto «hall» do Estabelecimento Termal do Estoril, oferecido pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, em honra dos concorrentes ás provas hipicas realizadas de tarde no magnifico campo de obstáculos do Pinhal, foi revestido de extraordinario brilhantismo e animação.

O vasto «hall», nessa noite, encontrava-se artisticamente engalanado com flores roxas e renques de luzes, que produziam um aspecto verdadeiramente encantador, fazendo realçar as vistosas «toilettes» de tons claros das senhoras, que punham um contraste flagrantemente nas fardas e casacas.

O baile foi abrihantado pela eximia orquestra «jazz-band» sob a direcção do distinto violinista Vieira Pinto, que foi incansavel durante toda a noite, tocando, quasi sem interrupção, até perto das quatro da madrugada, tendo por vezes a animação chegado a atingir a loucura.

No recinto da piscina, que também se encontrava artisticamente iluminado com pequenas lampadas electricas, estavam colocadas em duas filas mesas, onde se serviam refrescos e «sandwiches», quasi sempre repletas de tudo o que de melhor ali se encontrava.

Dar uma nota completa da selecta assistencia, é tarefa difficil; contudo, recorda-nos ter visto, entre outras, as senhoras:

D. Leonor da Silveira e Lorena Magalhães Correia e filhas, Madame Namorado de Aguiar, Madame Perez Caballero, Madame Tapia, D. Maria da Gloria Tavora de Noronha de Sá e Melo, D. Maria Teresa Pressler Pinheiro Chagas e filha, D. Amélia de Oliveira Dias Pinto da Rocha, D. Suzana de Castro e filha, D. Maria da Assunção de Mendôça Cirne de Carvalho, D. Maria da Gloria Duarte Silva, D. Maria Alexandra Pacheco de Abreu da Costa de Sousa de Macedo e filha, D. Maria de Castro Ferreira de Almeida, Madame Velga Simões, D. Teresa da Camara de Carvalho Daun e Lorena, D. Alice Bastos e filha, D. Alda Barreira Pinto Ferreira, D. Tomasia Ereira, D. Ana Cabral da Silva e filhas, D. Delina Galeão Roma, D. Arletina Moreira dos Santos Medeiros, D. Maria Luisa de Macedo da Gama Lobo, D. Aurora Fragoso, D. Maria Diogo da Silva Cancela, D. Maria da Assunção Pinheiro Chagas Taquenho, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Maria Casimira de Calheiros de Mena e Silva, D. Maria Antonia Machado Cardoso de Meneses, D. Gabriela Pinto da Fonseca de Sá, D. Maria Antonia de Sousa Pinto Rebelo, D. Margarida Lot, D. Maria Oliva de Avila e Bolama, Madame Armando Villar, D. Izaura Vaz de Araujo de Sant'Ana, D. Alice, D. Julia e D. Maria Nunes Coelho, D. Guilhermina Nunes do Rosario, D. Elena Brandão Figueiredo de Faria, D. Maria de Mendôça Cirne, D. Maria de Lourdes de Almeida Daun e Lorena (Pombal), D. Edith Salema e filhas, Madame Vicente Arelas e sobrinha, D. Celeste e D. Maria do Ceu de Liz Teixeira de Mendonça, D. Gracinda de Castro Vaz de Araujo, D. Maria Isabel de Vasconcelos Pereira Coutinho (S. Tomé), D. Maria Elisa de Avelar Machado Bravo Borges, Mesdemoiselles Castro, etc.

A Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, deve ter ficado plenamente satisfeita com a brilhante festa que proporcionou aos frequentadores da Costa do Sol, podendo dizer, sem receio de desmentido, que o inicio da época de verão é bem auspicioso, tudo nos levando a crer que o verão de 1930, na Costa do Sol, vai, decerto ficar gravado a letras d'ouro nos annos mundanos.

Doentes

Na Casa de Saude da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade, foram operadas, com muito exito, as sr.ªs D. Clementina Neves e D. Maria Pavia de Magalhães, respectivamente pelos srs. drs. Fernando Cruz e Francisco Gentil, sendo o estado das enfermas, felizmente, muito satisfatorio.

Na Casa de Saude Militar da Estrela, foram operadas, com feliz exito, pelo sr. dr. Bastos Gonçalves, as sr.ªs D. Candida Sampaio e D. Emilia Narcisca da Costa Dias.

PRATAS ARTISTICAS
Reis, Filhos — do PortoRepresentante, venda e deposito:
Ourivesaria ELOY DE JESUS
43 — R. GARRETT — 45

PAGINA DESPORTIVA

O "Sport Lisboa e Benfica," vencendo o "Barreirense"

conquistou

o campeonato de Portugal

Foi talvez ontem o desafio entre portugueses que mais gente devia ter levado ao Campo Grande. Nem um único lugar vago. Tudo cheio.

Apenas uma falta, e essa grande, muito grande, mesmo.

Não se ter dado a final do Campeonato de Portugal de foot-ball um carácter oficial, um cunho protocolar que nas outras nações existe.

Em Espanha, ainda ontem, a família real assistiu ao desafio final do campeonato do seu país, realizado em Barcelona, entre o Real de Madrid e o Athletic de Bilbao. (Venceu o Athletic de Bilbao por 3-2).

Em Lisboa, a final do Campeonato de Portugal teve as mesmas cerimónias, a mesma assistência (não em numero) que os jogos vulgares do Campeonato de Lisboa.

Com vistas à Federação.

O jogo de ontem teve, além dos 90 minutos regulamentares, um prolongamento de meia hora, durante o qual o Benfica dominou, atacou e venceu. Durante os primeiros quarenta e cinco minutos, os dez primeiros pertenceram indubitavelmente ao team do Barreirense.

Jogadas cheias de técnica, que a defesa do Benfica se via em apuros para as desfazer, um «goal» a premiar esse domínio de início.

Passado ele, a alma do Benfica começou a dar cartas, sentia-se que o team queria vencer, queria sair do campo com o título ganho. E se em técnica não igualavam os seus adversários, em alma, em rale suplantaram-nos.

Atingiram o empate, procuraram a vitória, mas algumas boas defesas do keeper adversário e a trave impediram que tal facto se consumasse.

A toada de jogo neste primeiro meio tempo foi muitíssimo rápida.

Na segunda parte os teams moderaram o andamento do jogo e por vezes tivemos a impressão que ambos os grupos estavam esgotados.

Os minutos iam passando na ansiedade permanente de ver surgir um «goal» de qualquer dos lados. Aquele que primeiro o metesse seria o vencedor, tinha-se a impressão que o grupo que sofresse uma bola não devia estar em condições físicas para reagir.

E os ultimos momentos desta segunda parte foram gastos a procurar destruir o jogo do adversário sem preocupações de construir, com um unico fito: o de descansar um bocadinho.

O empate neste tempo regulamentar está certo, adapta-se perfeitamente ao trabalho realizado pelas duas equipas.

A energia do Benfica e a tecnica do Barreirense.

Com esta frase não queremos dizer que não houvesse tecnica do lado do Benfica nem energia da parte do Barreirense.

Não. Simplesmente os vermelhos jogaram com mais alma, levando muita vez a bola em força ao terreno do adversário.

Força que não exclui a tecnica, é claro.

O Barreirense, mais calmo no ataque, mais energico na defesa, realizou bastantes avançadas perfeitas das quais só uma teve a finalidade desejada.

Depois do tempo regulamentar e quando os grupos de novo alinharam, nada fazia prevê o renascimento do Benfica.

Pensava-se que: se a segunda parte havia sido tão lenta, o prolongamento ainda mais o havia de ser.

Mas tal não se deu.

O Benfica imprimiu ao jogo a toa-

da dos primeiros quarenta e cinco minutos e o Barreirense cedeu.

Alli é que o Benfica foi o Benfica das grandes tardes, o Benfica que empolga, que faz entusiasmar a multidão. Sentiu-se vencedor, meteu uma bola e não desanimou, queria mais, queria vencer por mais score o seu adversário.

Não descansou, não empregando o batido «truc» da bola para fora.

E outro «goal» surgiu. Estava o triunfo consolidado, estava ganho o encontro.

O Barreirense joga também, quere pelo menos diminuir a diferença do «score». Mas não o consegue.

E o encontro estava terminado, estava proclamado Campeão de Portugal de 1930 o velho Sport Lisboa e Benfica.

O Benfica

Tanto mal que se disse deste clube! E vá lá, quem é que ha dois mescs julgaria que ele fôsse capaz da proeza que ontem realizou?

Que apareça um partidário vermelho a dizer, com consciencia, que já previa isto.

Agora, depois dos jogos de domingo passado, isso sim, aí é que o Benfica tomou alma, aí é que os seus partidários viram crescer o numero das probabilidades da victoria. E essas probabilidades ainda mais aumentaram com o acto da Associação de Foot-ball de Lisboa, levantando o castigo imposto ao jogador João de Oliveira.

Este, que durante o tempo da suspensão havia treinado afincadamente, apresentou-se ontem numa forma esplendida.

Ha 10 anos que o Benfica não sabia o que era ser campeão. Esteve muitas vezes proximo do titulo de campeão de Lisboa e nunca o conseguiu.

Ontem, tendo vencido as inumeras crises que o têm assoberbado, conquistou brilhantemente o titulo maximo do foot-ball português.

Os seus homens ontem batalharam na medida maxima das suas forças. Desde o guarda-rêdes ao ponta esquerda todos se esforçaram por alcançar a victoria.

Vejamos como eles trabalharam: Dyson—Seguro, não foi muito apo-

quentado, nenhuma defesa apertada. A bola que sofreu era indefensavel.

Pinho—Foi o melhor dos defesas, muito seguro e despachando bem. Foi o Pinho das grandes tardes.

Jorge Tetzeira—Interceptou inumeras jogadas, mas foi muito irregular nos pontapés. Cumpriu, mas não tão bem como de costume.

Apibal José—O mais regular dos médios. Exibição comparavel ás suas ultimas, energico a defender e passando muito jogo aos avançados.

João de Oliveira—O tempo que esteve sem jogar fez-lhe bem. Realizou uma primeira parte muito boa, fraquejou no segundo meio tempo, para tornar a jogar muito bem no prolongamento.

Vitor Hugo—O mais fraco dos médios. Defendeu muito, mas foi impreciso no passe aos avançados. Teve a asa mais perigosa a guardar e não se saiu mal.

Denis—O novo da linha teve jogadas esplendidas, jogadas dum grande ponta direita, e outras de principiante. Belo centro o que deu origem ao segundo «goal» do Benfica.

Mario de Carvalho—Fez pouco, mas o pouco que fez foi bem feito. Está velho mas presentemente o grupo não tem melhor.

Jorge Tavares—O melhor avançado. Preocupou-se de mais em cobrir o médio centro contrario e por vezes perdeu algumas bolas por se encontrar muito atrasado.

Guedes—Muito esforçado, marcou muito bem a terceira bola do seu team.

Manuel de Oliveira—Um bom ponta esquerda; oportunissimo o «goal» que marcou.

O Barreirense

Este grupo ainda esta época não havia sido vencido na capital.

Jogara contra o Belenenses e venceu-o por 5-3; venceu o Benfica por 4-2 e ganhara ao Sporting por 5-1.

Teve ontem, pois, a sua primeira derrota da época nos campos de Lisboa.

Ha anos já que o Barreirense se vem afirmando como um dos melhores grupos do país.

Conseguiu este ano ser finalista do

Campeonato de Portugal, e o titulo mesmo; se o tivesse conquistado, não estava em más mãos.

Não o conseguiu. Lutou pela victoria, mas teve que se curvar perante um adversario que ontem lhe foi superior.

A sua sciencia de jogo, que realmente a tem, não foi o suficiente para derrotar a alma do Benfica.

Perdeu, mas perdeu lealmente, como sabem perder os grandes teams.

O que os seus homens fizeram: Camara—Um pouco com sorte. Teve um mergulho estupendo na primeira parte e algumas outras defesas de valor. Culpado da segunda bola.

Falcão—Foi um bom defesa, seguro e energico.

José da Fonseca—Cumpriu bem, violento por vezes, teve entradas duras.

José João—Muito irregular. A asa esquerda contraria passou-o com facilidade.

Alvaro Pina—O melhor dos médios. Joga muito bem de cabeça. Com a bola no chão não é tão preciso nos passes.

Carvalho—Muito energico: Mario de Carvalho que o diga.

Raul Jorge—Foi o melhor avançado, embora estivesse muito marcado pelo médio contrario. Teve centros perigosos e foi de um centro dele que resultou a unica bola do seu grupo.

Pedro Pireza—Esteve infeliz, não tendo realizado um trabalho parecido com o seu habitual.

Correia—O marcador da bola do seu team foi um avançado centro energico.

João Pireza—Foi um bom avançado.

Bento—Pouco util ao seu team.

Arbitragem

Muito boa. Silvestre Rosmaninho impôs-se desde o inicio do encontro e a sua autoridade fez-se sentir nos jogadores e no publico.

Final do Campeonato de Espanha

Em Barcelona, perante uma assistência de 70.000 pessoas, com a presença da familia real e do presidente do Ministerio, teve lugar a final do campeonato de Espanha de Foot-ball.

Eram adversarios o Real de Madrid e o Athletic de Bilbao.

Venceu este ultimo após 120 minutos de jogo pelo «score» de 3-2.

O jogo desenvolvido foi duro, um autentico jogo de campeonato, tendo terminado o tempo regulamentar com os grupos empatados a duas bolas.

No prolongamento o Athletic conseguiu a bola da victoria.

Após a marcação desta bola houve um conflito entre dois jogadores que depois se generalizou pela assistência.

O Athletic venceu o Real de Madrid devido á superioridade fisica dos seus jogadores. O team de Madrid foi superior em tecnica.

Taça Salazar Carreira

O Sporting ganhou ontem a Taça Salazar Carreira, tendo apresentado um belo conjunto de atletas.

A não ser a corrida de Manuel Dias nos 3.000 metros e um bom lançamento de Granel no peso, poucos ou nenhuns resultados foram dignos de referencia.

A organização foi boa.

Porto-Algarve

No desafio ontem realizado no Porto entre as selecções do Porto e do Algarve, o Porto saiu vencedor por 3 bolas a 0.

GRÁTIS O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Um livro com cêca de 400 gravuras e com
alguns milhões de letras

O Director do INSTITUTO LUSITANO DE COMERCIO avisa todos os seus pretendentes, tanto do Continente, como das Ilhas e Colonias, que acaba de receber os novos livros que mandou imprimir na maior edição que até hoje se fez no genero em Portugal, apresentando se, no mesmo livro, algumas centenas de fotografias de alunos de ambos os sexos, que têm concluido o CURSO daquele acreditado estabelecimento de ensino, tanto na sede, como por correspondencia, alguns collocados em importantes Companhias e outras empresas comerciais, transcrevendo-se inumeras cartas com as mais amplas referencias que até hoje se têm feito acerca do ensino comercial e industrial no nosso País.

Peçam hoje mesmo o livro "gratis" e "O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL" ao
Instituto Lusitano de Comercio
LISBOA - Rua da Palma, 164, 1.º - (Telefone N. 3453)
Junto ao Teatro Apolo

Os luxuosos 8 cilindros

**i Aclamados
unánimemente!**

O HUDSON é o oito cilindros que mais destaca em 1930. É um oito cilindros luxuoso e potente a um preço mais reduzido que o de muito seis cilindros; constitui uma verdadeira inovação no motorismo que consiste em aliar o luxo dum carro de belo aspecto ao rendimento dum carro de sport.

Verifique as novas sensações que lhe proporciona o Grandioso 8 de HUDSON. Conduza-o e observe como o velocímetro vai marcando 30-60-90-120 kilómetros, sem que se sinta o menor ruído ou vibração.

Em toda a parte se fala de este oito cilindros como uma obra perfeita e de preço reduzido, do seu elegante aspec-



to; da sua sugestiva beleza; do seu formoso acabamento. Não deixe de examinar pormenorizadamente este luxuoso oito cilindros antes de comprar outro carro, seja qual for o seu preço.

O GRANDIOSO 8 DE HUDSON

HUDSON 119

	Escudos	7-Pass. Phaeton	Escudos
Standard Sedan.	48.800		
Coach.....	46.000		
Coupé.....	45.150		
Sun Sedan.....	52.400		
Roadster.....	46.650		
Phaeton.....	49.800		
HUDSON 126			
Brougham.....	51.300		
7-Pass. Sedan..	61.100		
Touring Sedan..	51.950		
		ESSEX	
		Coach.....	54.100
		Touring Sedan..	56.850
		Standard Sedan.	55.650
		Coupé (Rumble).	53.700
		Sun Sedan.....	58.950
		Roadster.....	55.750
		Phaeton.....	55.850
		Brougham.....	57.200
		Coupé.....	55.525

Sociedade Portuguesa
de Automoveis, Ltda.
Avenida da Liberdade, 71
LISBOA

CARACTERISTICAS

Motor de oito cilindros em linha, que desenvolve 80 HP., com uma cilindragem de 3 1/2 litros.— Grande potência em proporção ao seu peso.— Amplo espaço para 5 ou 7 passageiros.— Quatro amortecedores de acção dupla.— Fecho de contacto (Electrolock).— Parabrisas manejavel com uma só mão, de vidro infragmentavel ao partir-se.— Dez modelos de carroseries e grande variedade de combinações de cores

Mario Ferreira, Ltda.
Rua Sa da Bandeira, 322
PORTO

ENVIE ESTE COUPON HOJE MESMO
ao Agente Hudson Essex da sua zona
Tenha a bondade de me remeter o novo folheto em cores
do ESSEX Triunfador e do Grandioso 8 de HUDSON

Nome: _____

Direcção: _____

PROPAGANDA PATRIOTICA

"Por Portugal! Pela nossa Pátria!"

foi a ultima frase do dr. Joaquim Manso

na notavel conferencia

que realizou ontem no Porto

(Continuação da 1.ª pagina)

felicidade se anima nas campas dos nossos avós. Pertencem à categoria especial dos que, cortada a floresta, arrancados os troncos, se entretêm, como Wagner, a resuscitá-la com os violinos. A tradição não carece de guias nem de mestres: mora em nós, como o óleo na candeia que alumia, encerrando uma indicação para o futuro e não para o passado. Justifica-se perfeitamente que alguém nos ensine:

— Continua a obra de teus pais, acrescentando-lhe o exito das tuas acções!

Mas acho desprovida de sentido esta recomendação:

— Abeira-te dos mortos e cobre-te com os seus despojos.

Quem foge do seu tempo para se abrigar noutra idade, á sombra dos espectros e fantasmas, morre duas vezes — pelo que quiz e pelo que não quiz ser!

A nossa inadiável obrigação é esta — ocupar um posto de combate, em obediência á voz de comando, revelada no verso do poeta:

— Mais le siècle présent a droit á quelque estime.

Empreguemos os nossos melhores esforços em situar Portugal, no seio das nações cultas curando-o de alucinações e da decrepitude em que desejam immobilizá-lo, sob o pretexto de velar armas, na desolação infinda dum palácio em ruínas.

Primeiro que tudo: nós somos filhos da Europa, temos uma alma certa e não vagabunda de europeus. Isto impõe deveres e concede direitos: não podemos, visivelmente, dispensar-nos de aceitar uma hygiene, uma moral, uma religião, uma sciencia, uma arte e uma filosofia, ou antes uma pedagogia e uma cultura, elaboradas entre o Mediterraneo, o Atlantico e os mares do Norte, mas também é justo que marquemos a nossa personalidade, imprimindo ás ideias e aos factos, ás obras e ás doutrinas a estampilha da nossa critica e da nossa invenção.

A civilização moderna aspira principalmente, a proteger o homem contra o erro e contra o jugo das fatalidades: os nossos sentidos adquirem uma acuidade que assombra e os nossos membros uma capacidade de trabalho que não é exagero apelar de prodigios.

A' maquina, que já ajudou a resolver a crise da escravatura, cabe um papel importantissimo, na solução do problema social. Ela representa a verdadeira attitud do homem, roubando o fogo sagrado para o converter em pão e justiça. Não a julgemos, porém, um idolo, um absoluto, porque o inventor, o engenheiro e o operário pairam acima dela, como estes também se acham sob a doce penumbra de altos misterios — deo pignora.

Em Portugal, por um vicio de educação que consiste em atribuir ao mestre ou ao livro uma importancia dogmatica, existe ainda, creio que inconscientemente, um tremulo respeito pela palavra — sobretudo quando, em tom solene e grave, ela se propõe, como os micromantes, exprimir o inexprimível. Faça-se a policia das vacuidades sonoras, de forma que a intelligencia e a emoção possuam um vocabulario são e escorreito, contrario ás sentenças prudomesmas e ás ideologias capitosas, mas estereis.

A maquina, na faina de trabalhar e produzir, realiza uma economia de movimentos, uma divi-

são ritmica de labores convergentes que de bastante educação seriam para nós, se acaso decidíssemos libertar o nosso verbo, o nosso discurso, a nossa linguagem da retorica que lhe turva a natural limpidez.

A noções claras correspondem termos claros, como a intenções nobres correspondem gestos nobres. A's nossas escolas incumbem a indeclinavel missão de formar o cerebro da mocidade, habilitando-a a ser sincera e desempoelrada no pensamento, mas rigorosa, equilibrada e comedida, na arte admiravel de o comunicar.

Aristofanes, o homem que em Atenas, impiedosamente, flagellou os politicos sem politica e os sabios sem sabedoria, legou-nos este singelo conselho:

— Não te inche para seres justo ou verdadeiro, porque ninguém te acreditará.

Sigamo-lo com confiança, já que, dōze anos depois da guerra, a Europa, interrogando-se, com rosto inquieto e torturado, começa a perceber que a sua salvação depende da prontidão com que ela varrer as nuvens e as ficções tenebrosas em que se recata a mistica das violencias barbaras. Olhe-mos, pois, para o verbalismo e a incontinencia oratoria, com o proposito bem assente de os fecharmos em opaca e pesada masmorra.

Portugal merece, sem favor, que nós não substituamos nem o seu Calvario nem o seu Tabôr pelo tablado de Arlequim...

Oliveira Martins, na sua «Historia de Portugal», escreve:

— «Nós fomos eleitos ou condenados a conquistar para o mundo esse Mar Tenebroso que o enchia de vagas ambições ou de funebres terrores».

Apesar do muito que admiro o escritor cuja visão historica, ás vezes, me empolga, lamento profundamente que ele assim diminua o arranque genial dos portugueses, ao abrirem os mares e os continentes a uma Europa visionaria, devorada por ambições e por tentações—divinas e profanas.

Se houvessemos de lhe dar crédito, depois de realizadas as descobertas e conquistas, só nos restava uma empreza a cumprir — cerrar os olhos e meditar sobre a cinza das ilusões e dos enganos. Portugal poderia, quando muito, viver na saudade do que foi para sofrer inertemente a desgraça de não poder ser mais nada.

Protesto contra esse processo injusto e leviano de abreviar a vida dum povo!

O derrotismo não adivinha sequer a pobreza mesquinha em que se gasta o seu esforço, ao contestar-nos ou privar-nos de fé e de paixão criadora. Foi porque, entre

nós, tanta gente acreditou que as raças morrem como os cardos ou as urzes que o nosso país veio a suspeitar se ele não seria uma pallida sombra, prolongando-se pelos tempos fora—cada vez mais comprida e cada vez mais exangue.

Felizmente que ha um sangue—generoso, ardente, audacioso e in-submisso—que sempre reagiu contra o sistema de enterrar os vivos, sem ao menos indagar se eles apreciam o requintado prazer de expirarem—por elegancia liturgica ou renuncia fidalga e romantica. O instinto forte e rutilo repeliu, dominou a voz dos que fatigadamente pregavam:

—Portugal encerra-se todo no poema de Camões, encantado e vencido pela India cuja sedução embriaga e corrompe.

Dirijo-me a portugueses que, como eu, não ignoram o que é curvar a cabeça para suportar um duro golpe da desventura ou levantá-la, com arrogancia, para sacudir uma impertinencia ou uma afronta. Os povos que não são covardes nem mesmo tímidos nunca toleram que o seu destino lhes saia das mãos, pois conhecem o ditado que diz:

—Serás o que quizeres, se ousares o que puderes.

Muito a proposito vem citar uma passagem do nosso historiadador Fernão Lopes que nos refere o pasmo de Gonçalo Mendes, quando avistou Nun'Alvares Pereira, á frente dos seus soldados, róticos e mal armados, posto que ardidos em patriotismo:

—«Espantado sou de tais homens como estes poderem defender este reino a el-rei de Castela, que é um tamanho senhor. Salvo se Deus anda por seu capitão deles...»

E, por isso que eu jamais me cansarei de lembrar á juventude dos campos, das escolas e das oficinas que se levante, patrioticamente, desembaraçadamente, assim que notar que uma insolencia se esboça, além-fronteiras, contra nós, mesmo que venha rebugada numa saudação ou galanteio diplomatico. Todas as vezes que o Poder soube conter atrevimentos e embaraçar quixotismos, os outros reduziram o formato das suas exigencias, transformando os rompantes em venias polidas e profundas.

Blanqui, o revolucionario, o infatigavel morador dos carceres, recebeu certa tarde dum seu admirador, Scheurer Kestner, um cestinho de morangos. Clemenceau estava a seu lado. O orgulho do petroleiro estremeceu e arripiou-se.

—Julga alguém, fustilou ele, que eu tenho appetites de burguezes?

Clemenceau sorriu com ironia e meteu na boca um morango delicioso, saboreando-o com ternura. Depois outro e outro. E foi dizendo:

— Como estes encontram-se poucos...

Blanqui não se pôde conter: imitou o seu amigo, acompanhando-o animosamente no desbaste do que ele supunha um pómo pñibido. Esta anednota, que reputo instrutiva e simbolica, demanda attenção, pois encobre uma moralidade que convém derivar para nós.

Em Portugal, não escasseiam pessoas amáveis ou industriais que oferecem também o seu cestinho de verdades.

—Provem esta frutinha, meu rico senhor, que melhor não ha, nou-tro pomar!

Geralmente, o mimo do presente desperta a duvida, o receio no animo do presenteado. Este, pouco afeto a manjares finos, responde indignado:

—Tire-me da vista essa abominacão!

A' falta de Clemenceau, que nunca se demorou em Portugal, mas que, apesar disso não carecia de genio nem de gosto, surge uma qualquer personagem que, sem tocar na oferta, afirma em tom magistral:

—Verdades como estas, nem no Evangelho!

E aqui se descobre o aspecto menos simpatico e atraente da comunidade nacional—a tendencia que nós manifestamos para nos desentendemos ora oferecendo lentilhas, em vez de morangos, ora aconselhando os outros a mastigar o que nos repugna. Se, com franqueza e lealdade, nos fixasemos bem, procurando achar, nos olhos uns dos outros, os clareões da consciencia, os portugueses amar-se-iam um pouco mais.

Haveria mais abraços e menos encontrões.

As nossas afirmações ou negações são sempre dogmaticas. O adversario é sinonimo de inimigo. As tribus que espalham a discórdia superam as «élites» que impõem a livre critica e dão o exemplo da tolerancia.

Nós reunimos todas as condições para recobramos as virtudes antigas, ajuntando-lhe qualidades e fermentos novos. O mundo reforma-se e renova-se. As ambições, cada vez mais vastas, conquistam terrenos ainda virgens.

Continuaremos nós, de braços atados?

Quanto tempo nós não perdemos já a debater as teses de Bisanccio, a sacrificar o util ao inutil, o ouro ao papel moeda!

Ouve-se por toda a parte o fragor das pugnas que aproximam os homens, pela justiça, e as nações, pelos signos da paz, e nós ficaremos agarrados ás nossas scismas sebastianistas, a ruminar as recordações do nosso passado?

A democracia, de que a Republica é a expressão integra e soberana, tem como base e fornalha o trabalho. Portugal é uma Republica, provada na escola da adversidade, mas onde não é possível encontrar um ambicioso, de rosto descoberto, que ouse ameaçá-la. Eduquemo-nos pela democracia e para a democracia, porque só ela nos fortalecerá desde que não se deixe explorar por uma classe ou por uma casta, para sermos bons cidadãos—em Portugal e em todo o mundo.

Por Portugal! Pela nossa Pátria!

(Prolongados aplausos).

SALÃO JANSEN

Quinta-feira, 5 de Junho
às 21 horas

SENSACIONAL ESPECTACULO DE FADOS E VARIADOS

em que tomam parte
os melhores elementos da «Canção Nacional»

Bilhetes desde já á venda nos seguintes locais:
Tabacarias.—Neves, Praça de D. Pedro, 42 e 43;
Camões, Praça de D. João da Camara, 19 (Rosto); Luso-Brazileira, Praça dos Restauradores, 5; Parisiense, 2, Praça Luis de Camões, 2; Americana, rua Garrett, 44 (Chilado); Madrid, rua do Mundo, 115; Abadia, Praça dos Restauradores, 40. Leitaria do Camões, Praça Luis de Camões, 41.

E' hoje

ENTRADA LIVRE

Na Jansen

Elegante salão de fados e concerto pela formidavel guitarrista ISABEL DE SOUZA.

HOJE, GRANDES ELEMENTOS

Boa frequencia

Todas as noites entrada livre

Chá das cinco

A guerra do disco e da antena

O século XX é; mais do que qualquer dos que o antecederam, um século de luta viva e feroz. Luta entre os homens que se matam aos milhões por varios motivos — e ás vezes sem motivo. Luta de comerciantes, luta de industriais, luta de homens de Sciencias, de Letras e de Leis, luta de pensadores, luta de livres-pensadores. Luta economica, religiosa, politica, social.

Veiu-me isto á ideia quando hoje tive conhecimento dalguns aspectos duma nova luta que se está desencadeando em condições de fazer supor terríveis consequências.

Quais são os dois Exercitos em campo? As grafonolas e os telefones sem fios.

Quando se inventou o fonógrafo, foi uma revelação e um sucesso. Todos ficaram encantados. Todos procuraram ter um exemplar, mesmo mau. E hoje que a grafonola atingiu uma perfeição tal que por vezes substitui absolutamente a realidade, aparece-lhe diante um perigo formidável: a telefonia sem fios.

Já não ha ninguém que não diga: — Para que hei-de eu gastar dinheiro em grafonolas e discos, se, com um aparelho de telefonia, ouço todos os dias os mais variados e valiosos programas?

Preguntam-me a minha opinião. Ai vai:

— Para quem preferir musica em quantidade, a telefonia é o ideal. Para quem preferir a qualidade, e quizer, em cada momento, ouvir a musica que melhor se adapte ao seu estado de alma, tem de recorrer á grafonola.

Conclusão:

— Leitor: se tens dinheiro, compra as duas coisas.

Que ele tambem ha gente que não tem grafonola nem telefone — e vive... feliz.

FELIX CORREIA

Alvaro de Andrade

Chegou ontem no Sud, vindo de Paris, o nosso querido camarada Alvaro de Andrade, secretario da redacção do Diário de Lisboa.

Orfanato Escola Santa Isabel

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa sociedade, tendo á sua frente o reverendo Agostinho da Mota, realizam-se no grandioso parque do Orfanato-Escola Santa Isabel (Rua Borja, 6), brilhantes festivais nas noites de 10, 12, 13, 15, 22, 23, 24, 28 e 29 de junho e 5, 6, 12, 13, 19, 20, 26 e 27 de julho, cujo produto reverte a favor do custeio de mais de 400 crianças, sendo 300 internas que este orfanato tem albergadas.

Sintra ou Cintra?

O artigo do sr. Raposo Botelho, que ha dias publicamos sob o titulo «Sintra ou Cintra?» deu motivo a um outro do sr. Pedro Batalha Reis, que temos em nosso poder e ao qual daremos publicidade logo que as circunstancias de espaço no-lo permitam.

Royal Cine (Sonoro)

R. da Graça, 100 — Tel. N. 6791

HOJE—A's 21 1/2 horas

Exitu retumbante e caloroso da super-produção

Alma Andaluza

CONDES Pela primeira vez em Portugal

a voz de DOUPLAS FAIRBANKS

A MASCARA DE FERRO

SAPATARIA INGLEZA

Exposição de calçado para a estação de verão.—Modelos ineditos da mais alta novidade

ARTE, ELEGANCIA E BOM GOSTO

180—RUA DA PRATA—182

A acusação do advogado

preencheu a sala sem trazer ele

O sr. dr. Antonio Osorio, segundo advogado de defesa do Banco de Portugal, começa o seu discurso acusatorio ás 12 e 45.

Cumprimenta o sr. dr. juiz, pela sua imparcialidade, austeridade e compreensão do seu alto lugar.

Cumprimenta os juizes, que compõem o juri. Diz que se satisfaz por os ver ali a julgarem um caso muito complicado, que levou 15 meses a desenvolver, se estendeu por varias capitais e por dois continentes, e provocou uma larga rede de interesses.

Assinala ao juri a disparidade entre as primeiras declarações dos reus e as que fizeram depois e agora, e entre as quais, uma e outras, ha apenas alguns pontos de contacto.

—Neste processo,—para bem o poder julgar, é preciso ter uma intelligencia lucida e uma larga experiencia de julgar. Um arguido declarou aqui uma frase, que correu mundo, embora não passasse de uma banalidade: «não ha só que julgar homens, é preciso julgar almas». E só V. Ex.ª podem julgar almas. Por isso me felicito de ver ai V. Ex.ª...

Três partidos de opinião

Ainda dirigindo-se ao juri:

—A grande massa da opinião publica sentiu que este processo era de uma extrema gravidade. Ha dois partidos. Um que queria a condenação formal de todos os arguidos, alguns dos quais já aqui não estão e—quanto a mim—deviam estar. Acusou-se a acusação de frouxa. Ao lado desse, havia o partido que desejava ver envolvido na burla, e comprometido nos autos, pessoas altamente colocadas na sociedade portuguesa. Esse partido é hoje reduzido. Ha tambem o partido dos amigos dos reus; eu não censuro os reus por terem amigos. Mas esse partido, forte ou não, age sob a convicção de um sentimento perigoso, e podia porventura exercer pressão no espirito do juri, se o juri não fosse constituído por magistrados sabedores e experimentados.

E' esta uma sintese do entroito da oração, que vai produzir o advogado da acusação particular.

—V. Ex.ª estão aqui para julgar em sua consciencia, e não pelos meus raciocínios. Mas estou aqui convictamente. Na bancada da defesa pode sentar-se um advogado a defender qualquer reu, mesmo que o julgue criminoso. Mas na bancada da acusação o caso é mais grave. Eu reputaria uma monstruosidade sem nome se um advogado acusador vlesse para um Tribunal pedir uma pena maior para um homem que a não merecesse, na convicção do acusador.

Os despronunciados

O advogado do Banco de Portugal diz que é certo ter acusado já neste processo pessoas qu os Tribunais Superiores despronunciaram. Mas isso succedeu porque na ocasião das querelas provisórias ele, advogado, e a acusação, não se puderam apossar de toda a materia do crime, e só por apparencias, mais ou menos fortes, se podia estabelecer a querela.

Faz o elogio rasgado do sr. dr. Francisco Menano, honrado magistrado, que ás vezes tem que condenar, tem que pronunciar, mas não «tem pelos no coração», como a defesa tem dito. Confessa que a acusação, ante as instruções contraditorias, hesitou, teve discordias, começou a ver claro, e assim se habilitou a despronunciar varios arguidos.

Referindo-se a um arguido já despronunciado, e que depois de varios interrogatorios feitos por ele, lhe deixou a impressão de inocencia:

—Este homem teve talvez a impressão de que andava metido numa coisa exquisita, mas só isso. Não soube das notas falsas...

E explica o criterio seguido por ele e pelo sr. dr. Francisco Menano:

—Adoptámos então o criterio de só trazer aqui aqueles arguidos que não podiam deixar de saber da emissão falsa e do crime a ela adjunto.

E mais adiante:

—Trouxemos aqui pelo menos os que são suspeitos da criminalidade.

A "Historia do Crime"

O orador explica a mecanica do seu processo investigador, por sinteses sucessivas, e sem paizão. O sr. dr. Antonio Osorio admite que a defesa encontra no seu livro «Historia do crime», pequenas trapalhadas «naturais». Talvez em pequenos pontos o meu pensamento tenha sido atraído. Todo o meu estudo partiu, porém, do principio da analise objectiva. E diz:

—Eu construi uma novela psicologica... (A acusação, quasi em péso, debruça-se sobre os «carnets» de apontamentos, e regista).

O sr. dr. Antonio Osorio, com grande calma, continua a expôr a sinceridade do seu trabalho, que—admite—tenha erros, que «V. Ex.ª» aqui estão para corrigir.

Afirma:

—Seria monstruoso, estupidamente monstruoso, que eu procurasse servir-me de qualquer «truc» ou habilidade de dialectica, para levar ao espirito de V. Ex.ª uma ideia que levasse á condenação de inocentes.

Agora vai ocupar-se dos reus Adriano Silva e Moura Coutinho. Depois irá aos reus de maior responsabilidade.

"Era amigo de Reis..."

Deduzindo, acusando:

—Adriano Silva e Moura Coutinho dirigiram a passagem de notas no Porto, auxiliados por alguns dos despronunciados. Compraram cambiais, fizeram transferencias. Executaram depositos e levantamentos. Adriano Silva, antigo empregado bancario, sabia bem o que estava a fazer. E' extranho que estes homens não desconfiassem do que tinha de suspeito andar a depositar hoje dinheiro e a levantar amanhã.

«Adriano Silva foi sempre companheiro e amigo de Reis. Estou convencido, para mim, embora só seja convicção, de que Adriano Silva sabia tudo, e até o ajudou a fazer os contratos. Reis é de uma audacia extraordinaria. Para conceber—aceito que agisse sozinho. Para executar, não. E' mais que natural que Adriano Silva o tivesse ajudado. Adriano até na Penitenciaria foi sempre o companheiro de Reis, perdoando-lhe (insinua), «perdoando-lhe os 4 anos de prisão inocente».

«Adriano é intelligentissimo. De uma intelligencia ordenada. Estes dois homens (aponta para os citados reus), juntos, se lhes desse para o bem, fariam uma grande obra.

E deduz que Adriano devia, «é claro», saber tudo.

"Sabiam tudo"

Refere-se a Moura Coutinho, dizendo que esteve 20 dias a emassar notas, da segunda vez, na Hala. O reu viu Planas Suarez, muitas vezes; viu chegar as notas. Logo sabia a origem criminosa das notas, conclui.

—Moura Coutinho é um pobre diabo!—afirma o acusador. (O sr. dr. Armelino Junior, sorri, ostensivamente e toma nota). Tome o meu illustre co-

DECIMA SEXTA

IRRESISTIVEL

A acusação empregou hoje arte. Continuou a levantar-se a nuvem da terra de ninguém — e não deixam ver

O sr. dr. Antonio Osorio, com grande propositadamente, omitir impressões

O ambiente está carregado. A atmosfera. Mas hoje não os produz

E' preciso que toda a gente se a lixos, dentro do irrespiravel. Respirar querem a Verdade. Não querem um

O navio negro continua a meter brancas, sem que os meus olhos trepureza da minha pupila. Cada vez a

Depois deste fogo todo de tantos bria, seria desumano que alguém, fosse condenar os juizes — a não poderem

lega da defesa as notas que quizer. Moura Coutinho é um pobre diabo, não será mau sujeito. Mas sabia do crime—insiste.

E põe diante do Tribunal a conhecida versão da queima das notas camaráes, e amontoa os indícios contra Adriano e contra Coutinho, especialmente a circunstancia de não terem suspeitado do acto da lavagem das notas, no Porto, para as disfarçar em velhas.

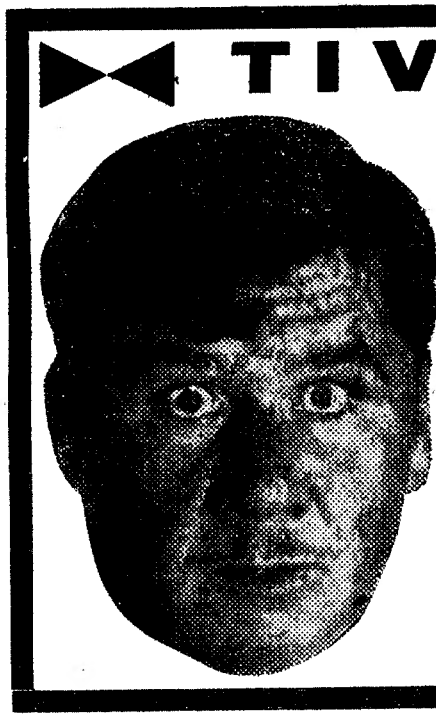
E conclui a este respeito:

—A minha convicção, a minha convicção—repete—é que Adriano Silva e Moura Coutinho souberam a proveniencia criminosa das notas. V. Ex.ª dirão se a minha convicção é exacta. E terminou, sobre estes dois reus, com um sorriso, de «muito á vontade».

Segue para José Bandeira, «em sintese», como anunciou.

Agora, José Bandeira

José Bandeira intervem materialmente em todos ou quasi todos os actos de que se ocupa o processo—diz



ANGOLA E METROPOLE»

Advogado Antonio Osorio

Sessão de hoje tementos novos

A AUDIENCIA

IRAVEL

aria pesada. Morteiro de estrondo. poeira, de granadas que reventam na claro.

de calma, preencheu a sessão. Quero, isso, não digo que por generosidade. eia costuma produzir estragos na mas almas.

vença que neste julgamento ha almas se pela consciencia. E as consciencias antasma de Verdade.

ervão. E eu continuo a distinguir velas em ou visões alucinadas desvrtuem a vejo mais nitidas.

lias, nesta atmosfera irrespiravel e du- a quais fôsem seus foros, pretendesse chegar á janela.

N. DE A.

o acusador. Desde a redacção dos contratos até á chegada das notas, passagem, formação do Banco, etc., menos o de ter ido a Waterlow.

—Eu pergunto se isto não é puramente um crime de falsificação e passagem de notas falsas?

Diz que José Bandeira, em sua defesa, e depois que se entregou ao sr. dr. Ramada Curto, aproveitou de uma circunstancia que derivou ainda do cerebro de Alves Reis.

E o sr. dr. Osorio diz, não chegando a insinuar, aos srs. juizes que no Código ha um artigo — «estupido!» —, categoriza no seu sorriso de sempre — pelo qual se poderia condenar José Bandeira, mesmo que a prova absoluta não estivesse feita. E acrescenta que não insinua isso ao juri, mesmo porque esse artigo está em contradição com outra doutrina do Codigo.

Refere-se depois ao trabalho do sr. dr. Antonio Seves, que sinceramente classifica de notavel, «e que honra um advogado», para logo a seguir, num efeito seguro de declamação, concluir: «rei o trabalho, e não se lhe aproveita».

nada». Confessa, porém, que o sr. dr. Antonio Seves acertou num reparo que fez, e que alude a uma carta que José Bandeira teria recebido de Marang.

Em tom de conversa, e tratando o sr. dr. Antonio Seves sempre por «meu querido camarada», diz que vai responder, a alguns arbutamentos deste defensor, para ganhar tempo. E confessa que não liga grande importancia «ao passado de José Bandeira», explicando a razão accidental que o levou a desenvolver esse capitulo. Ha uma pequena ironia visivel na sua maneira de raciocinar, quando nota: «de resto, um grande bandido pode tornar-se um homem de bem, como José Bandeira, com todo o seu passado, podia estar na burla do Angola e Metropole, como pomba sem fel».

E vai, apesar do que já disse, desenvolvendo o passado de José Bandeira. «A lei marcial na Africa do Sul vigorou até 1902. Ora a segunda vez em que foi condenado foi em 1903. Sempre quero ver como os meus illustres camaradas de defesa explicam isto».

A cumplicidade

Passa em revista as relações de Reis com José Bandeira, e assinala que até certa altura José Bandeira andou honradamente. Andava a tratar da vida, legitimamente. Ora em outubro de 1924, José Bandeira foi com Reis a Berlim falar a Hennies.

Incidentalmente, não vindo ao caso, o advogado defensor do Banco diz que não deve ser certo o que Reis disse aqui, «que já antes da ida a Berlim tinha pensado na emissão falsa».

—E' uma peta, que não lhe aproveita nada. De vez em quando Reis inventa uma mentirola para se divertir. Não acreditem V. Ex.as. Ele só pensou na emissão falsa em Berlim, ao avisar-se com Hennies, quando foi tratar do emprestimo para Angola. Mas isto não tem importancia...

O sr. dr. Antonio Osorio sorri sempre, com um á vontade que o obriga a perder-se «das sínteses» que traçou previamente.

Mas reata, depois de um esforço: — José Bandeira chega a Lisboa com a promessa de obter umas tantas libras para Angola, do celebre emprestimo. Depois, mais tarde, avista-se, juntamente com Reis, com o Alto Comissario, que diz: «ora, ora; quando quizer emprestimos sei muito bem onde os ir buscar». José Bandeira não estranhou isto? Não... A defesa explica que Reis lhe dissera: «o Rego Chaves só quer tratar comigo». Até aqui, pode passar. Mas José Bandeira e Ferreira Junior foram quem ajudou a dactilografar os contratos. E esse trabalho era complicado. O texto teria forçadamente que encher a pagina.

Sintetisa:

—E' esta a base da minha acusação. Nesta altura José Bandeira já não podia dizer que ignorava a criminalidade da tal emissão para Angola. Mas ha mais: Reis diz a José Bandeira: «esto encarregado de emitir 100.000 contos clandestinos para Angola, mas só tenho que entregar 50.000 contos. O resto é para mim — para nós». Quem é que pode acreditar que José Bandeira não achasse isto mais que suspeito, criminoso, logo desde a primeira hora? Mas eu, ajudando a defesa, ou aceitando o que ela pode já ter dito, concedo: «José Bandeira podia nesta altura saber que havia uma trantantada, mas supôs envolvidos nela o Alto Co-

missario e as outras pessoas que «assinavam» o contrato, cujas assinaturas ele julgaria verdadeiras. Mas então logo 50.000 contos só para o frete de mandar fazer as notas?

O sr. dr. Antonio Osorio prossegue raciocinando, por deduções, por presunções. E chega a esta conclusão, mais firme:

— Seja como for: o certo é que quando na Haia os quatro signatarios do «petito» contrato dividiram o produto da emissão, «total», já não pensaram nos 50.000 contos que tinham que entregar a Angola! Mas não é isto apenas o que ha de terrivel contra José Bandeira...

(Nesta altura é interrompida a sessão).

Pontos de interrogação

Recomeça o sr. dr. Antonio Osorio:

— José Bandeira nunca poderia acreditar que o contrato Angola-Reis fôsse verdadeiro. Ele seria pelo menos um conclave em que alguns corruptos se lançaram para produzir e aproveitar dinheiros.

O advogado acusador recorda que Marang veio a Lisboa, ficou radiante, e foi para a Haia com o José Bandeira tratar de mandar fazer as notas.

O advogado volta a insistir que Reis mentiu quando disse que era na Alemanha que se iriam fazer as notas. Uma fita como tantas. Se fôsse assim, teriam ido directamente a Berlim, e não para a Haia.

— José Bandeira, partindo do principio — como diz a defesa — de que os contratos eram bons, isto é: autentica emissão embora clandestina do Banco de Portugal — não se teria admirado de que o Banco de Portugal não lhes tivesse dito onde deviam fazer as notas, e Marang tivesse que andar na Haia, a procurar impressores, até conseguir uma carta de apresentação para Waterlow?

E prossegue:

— Diz a defesa: «Waterlow não viu que os contratos eram falsos, e então José Bandeira e Marang é que deviam logo ter visto?» Ora Waterlow não chegou da primeira vez a ver os contratos. O que queria era uma autorização do Banco de Portugal.

Relata a já conhecida surpresa que o caso provocou em Reis, até que este se lembrou de falsificar o segundo contrato, cujas assinaturas já teriam que ser falsificadas com mais perfeição.

Lê o telegrama em que Reis telegrafia a José Bandeira que — se consegue o novo contrato de autorização, mas — é preciso comprar a obtenção de uma assinatura por mil contos, dos quais cem imediatamente.

— Como é que Bandeira, lendo isto, não viu logo que o simples facto de um director do Banco exigir dinheiro para assinar um contrato — revelava uma formidável pouca vergonha, pois que se a emissão clandestina fôsse feita de acordo com o Governo não era lógica a existencia de directores corruptos?

Um argumento á defesa

Diz agora, o que produz certa sensação:

— Não admira, e eu sou sincero, que Waterlow, como outra qualquer pessoa, não visse logo que os contratos eram falsos. E' natural. Eu falo por mim. A gente olha para um contrato, vê assinaturas, selos, carimbos, e como não está de má fé, aceita tudo. Hoje toda a gente olha para os contratos e diz: «que grosseria! vê-se logo que é falso!» Vê-se agora; não se via então. E eu forneço este argumento á defesa.

E sobre Waterlow:

— Acredito que Waterlow e os seus peritos não viram logo a falsificação. O contrato, apesar do texto não estar muito claro, podia passar á primeira vista como uma coisa boa, mesmo para os tecnicos de Waterlow. Mas José (Ver continuação na 12.ª pagina)

Pelos teatros

Hortense Luz

Chegaram hoje, no «rapido» da tarde, os artistas da Companhia Hortense Luz, vindos de Coimbra, onde terminaram os seus contratos com a Empresa. Este organismo, completamente remodelado, começa amanhã ensaiando a nova revista «A Cigarra e a Formiga», cuja leitura se fará hoje á noite no Teatro da Trindade, onde deverá subir á scena no dia 14 do corrente. Os ensaios e todos os trabalhos de montagem vão ser dirigidos por Armando de Vasconcelos, sendo a direcção musical e a regencia da orquestra do maestro Wenceslau Pinto, autor, com Alves Coelho e Raul Portela, da respectiva partitura. A revista representará-se-ha, em espectáculo inteiro, completo e a preços populares, conforme as tradições do Teatro da Trindade, nas suas épocas de verão.

«Henrique IV»

José Alves da Cunha começou hoje, sob a sua direcção, os ensaios de apuro da celebre peça de Pirandello, «Henrique IV», com que a sua companhia se estreia no Teatro do Gimnasio, no dia 14 do corrente, fazendo Berta de Bivar, o principal papel feminino e aquele artista o protagonista, que é um papel assombroso de estudo, de interpretação e de realização, até agora desempenhado pelos grandes astros do teatro. Alguns dos seus personagens vão ser interpretados por Branca Riquetti, Constança Navarro, Berta de Albuquerque, Carlos Santos, Antonio Gomes, Holbeche Bastos, Penha Continho, Joaquim Miranda e João Calazans.

Atrás do reposteiro

Palma Bastos, que faz parte do elenco da Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, não trabalha na peça inaugural da época do Teatro do Gimnasio, realizando, porém, a protagonista da obra que se segue.

— Entrou em ensaios no Variedades, para inaugurar a época de verão, a revista em 2 actos, «A Grande Parada», que oferece a particularidade de ser escrita por um unico autor. A musica, original, é da autoria do dr. Alberto Morales e João Mateus.

— No Pavilhão Português, do Parque Mayer, estreiam-se hoje os artistas Dize Cabrejas, considerados os campeões da dança e transformações. No écran é exibida a famosa super-produção sobre a guerra aerea «Os pilotos da morte» (Legião de condenados).

— Termina este mês o seu contrato, no Teatro Avenida, o actor Alfredo Ruas, que será substituído por outro artista da sua categoria.

— Volta hoje ao Porto o actor Joaquim Almeida, gerente da Sociedade Artistica da actual Companhia do Gimnasio, e que ali vai tratar da sua proxima temporada no Teatro Sá da Bandeira.

— A Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro faz, ainda este mês, uma temporada no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, estreando com a peça de D. Virginia Vitorino, «Degredados».

— No Teatro Maria Vitoria, onde continua em scena, com grande exito, a revista «Pé de Vento», Augusto Soares está ensaiando uma nova opereta de Avelino de Sousa e Alvaro Santos, intitulada «A historia do Fado», com musica de Wenceslau Pinto, Alves Coelho e Raul Portela.

— E' depois de amanhã que se realiza no Coliseu dos Recreios a festa cujo produto se destina a custear o estudo em Italia do tenor José Rosa, que acaba de se revelar como um dos maiores valores liricos aparecidos em Portugal. O programa consta da «Tosca» por artistas portugueses, entre os quais o beneficiado, e um acto de concerto.

— Com a peça «Revolução», o grande exito do Teatro Nacional, efectua-se amanhã uma recita popular.

— Robles Monteiro efectua brevemente a sua festa no Teatro Nacional, com a primeira representação da celebre peça «Marius», o maior successo de Paris, que Matos Sequeira adaptou á nossa scena com o titulo «Além-mar».

— «The Two Yankees» constituem a actual grande atracção do Zof, a elegante «bolte» do Parque Mayer.

— A Empresa do Teatro Apolo, desejando manifestar nos artistas que desempenham o «Senhor da Serra», a sua satisfação pela forma como está decorrendo a temporada, reuniu-os ontem num almoço de confraternização, em Bucelas, que esteve animadissimo, trocando-se, no final, afectuosos brindes.

— Vai entrar em ensaios, no Teatro Variedades, uma nova revista intitulada «A Ginginha», posta em scena pelo empresario Artur Emaux, que, por esse facto, interromperá os seus espectaculos temporariamente.

— A Companhia Rafaela Haro, que se encontra no Teatro de S. João, do Porto, dará ainda em Portugal espectaculos em Coimbra e uma série de recitas no Coliseu dos Recreios, com zarzuelas em três actos, de grande espectáculo, a preços populares.

BEBA
SALUS (VDAED)
A MELHOR AGUA MINERAL

OLI

OJE sensacional estreia

gargalhada sonora

de BANCROFT

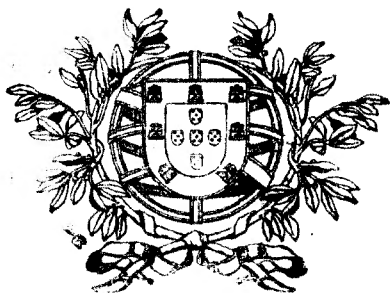
no

Lobo da Bolsa

Uma extraordinária super-produção de Paramount

e o

Primeiro Beijo



Dívida Pública Portuguesa

**FUNDO AMORTIZAVEL DE 6 1/2 0/0
1936-1970**

Emissão de 200.000 obrigações, em títulos de 1 e de 10 obrigações, do valor nominal de **Esc. 500\$00**, cada uma, em realização da

Primeira série — Esc. 100.000.000\$00

do Empréstimo de Consolidação, de Esc. 500.000.000\$00, **destinado a reembolso de Dívida Flutuante Interna** e autorizado pelo Decreto com força de Lei N.º 18.384, de 24 de Maio de 1930.

Estas obrigações são de **cupão**, vencem o juro--livre para o obrigacionista de todos os impostos presentes e futuros, ordinários e extra dinários--de 6 1/2 0/0 ao ano, o qual **será pago, aos trimestres vencidos, em 1 de Março, 1 de Junho, 1 de Setembro e 1 de Dezembro.**

O primeiro cupão--Esc. 8\$12,5 por obrigação--será pago no dia 1 de Setembro do corrente ano.

A amortização, que o Estado se reserva o direito de antecipar, far-se há por sorteio, ao par, durante 35 anos, a partir de 1 de Setembro de 1936.

Este empréstimo, cujo serviço será feito pela Junta de Crédito Público, além de constituir **Encargo Geral do Estado**, é garantido, em segunda consignação, pelos **rendimentos aduaneiros de importação** (exceptuados os referentes a cereais, tabacos e fósforos), rendimentos cuja parte livre tem um valor **cêrca de seis vezes superior** ao encargo total anual, de juro e amortização, do referido empréstimo de Esc. 500.000.000\$00.

CONDIÇÕES DA SUBSCRIÇÃO

O grupo de estabelecimentos de crédito portugueses que adquiriu, na sua totalidade, esta emissão, oferece-a à subscrição pública, **ao preço de 98 0/0, Esc. 480\$00, por obrigação**, pago em quatro prestações:

- a 1.ª, de Esc. 30\$00, no acto da subscrição,
- a 2.ª, de Esc. 100\$00, a pagar no prazo de 30 dias a contar do da subscrição,
- a 3.ª, de Esc. 150\$00, a pagar no prazo de 30 dias, contados da data do pagamento da segunda prestação, e
- a 4.ª, de Esc. 200\$00, a pagar no dia 1 de Setembro do corrente ano -- data do vencimento do primeiro cupão -- e contra a entrega dos títulos definitivos.

A subscrição, que fica sujeita a rateio, estará aberta **nos dias 2, 3 e 4 de Junho próximo**, nas sedes, filiais, sucursais e agências dos Estabelecimentos abaixo indicados, **mas estes reservam-se o direito de encerrar a subscrição** logo que o julguem necessario para evitar excessivo rateio.

Banco de Portugal
Caixa Geral de Depósitos,
Crédito e Previdencia
Banco Nacional Ultramarino
Banco Lisboa & Açores
Banco Comercial de Lisboa

Banco Aliança
Banco Espirito Santo
Banco Pinto & Sotto Maior
Fonsecas, Santos & Vianna
Borges & Irmão
Montepio Geral

Havendo rateio, este será feito e anunciado até ao dia 19 de Junho próximo, data a partir da qual os subscritores poderão receber as cautelas definitivas e as diferenças entre a importância total da primeira prestação que tiverem pago, e o montante dessa prestação relativa às obrigações que lhes couberem por virtude do rateio.

Lisboa, 29 de Maio de 1930.

A festa em benefício do Sanatório do Outão

No festival de arte e de desporto que se realiza no próximo dia 6, a favor do Sanatório Marítimo do Outão, dirigido com acrisolada dedicação e grande proficiência pelo sr. dr. Mendes Dordio torna parte, como já dissemos, o grande tenor Tomaz Alcaide que, em Portugal e no estrangeiro, tem alcançado os maiores triunfos.

Além deste artista que é o suficiente para levar ao Coliseu uma enorme multidão de admiradores do notabilíssimo cantor e cultores de boa musica, presta também o seu generoso concurso a esta festa de caridade, o aplaudido soprano ligeiro D. Raquel Bastos, já conhecida das nossas plateias liricas.

A distintíssima amadora de canto Castellan y Carvajal far-se-á ouvir em alguns dos mais belos trechos do seu vasto repertorio. O resto do programa para a



RAQUEL BASTOS

sensacional noite de 6 do corrente, no Coliseu dos Recreios, é constituído por varios numeros de danças classicas pelas sr.ªs D. Clara e D. Celisa Bermudes, baila dos caracteristicos pelas discipulas de madame Briton's; gymnastica esgrima e jogos pelos alumnos do Instituto dos Pupilos do Exercicio; «box» e luta greco-romana por um grupo de socios do Gimnasio Club. Os magnificos orfeões «Cetobriga», de Setubal e do Liceu de Camões, dirigidos respectivamente pelos srs. drs. Rocha Pinto e Silva Reis, que tem tido o melhor acolhimento em numerosas audições publicas, cantarão varios numeros de musica classica e popular.

A comissão, presidida pelo sr. dr. Mendes Dordio, é composta pelas sr.ªs D. Maria Planter Martins, D. Maria José Goes de Tourais, D. Adelaide Pessanha Castelo Branco, D. Maria de Lourdes Planter Martins, D. Julia Alda Luna Franco, D. Maria Crawford Ferraz, D. Maria Emilia Rebelo Viana e meninos Henrique Vale Fernando Franco Viçoso, Pedro e Paulo Planter Martins, Jorge Baptista Ribeiro Perestrelo de Alarcão e Nuno Alvaro de Gusmão.

Os bilhetes que tem tido enorme procura encontram-se a venda na Secretaria da Assistencia Nacional aos Tuberculosos com os seguintes preços: camarotes de 1.ª ordem, 80\$00; de 2.ª ordem, 60\$00; frizas, 70\$00; cadeiras de orquestra, 20\$00; cadeiras simples, 15\$00; geral reservada, 7\$50; geral simples 5\$00.

Viagens entre Lisboa e Cintra, Cascais e Monte Estoril

Em combinação com a Cooperativa Lisboense de Chauffeurs que já ha muito mantém carreiras de camionetas entre Cintra, Cascais e Monte Estoril, passando por Linho e Alcábalde, vão a Companhia dos Caminhões de Ferro Portugueses e a Sociedade dos Estaboleiros de Ferro, a partir de 5 de junho proximo, a venda de bilhetes directos para viagens entre Lisboa e os pontos acima indicados, podendo estes bilhetes ser adquiridos na estação de Lisboa-Rocio (seguinte pela linha de Cintra) ou na de Cais do Sodré (seguinte pela linha de Cascais) como melhor convenha aos passageiros.

Desnecessário é dizer que o estabelecimento da combinação de transportes a que nos referimos representa uma grande vantagem para quem pretenda visitar as optimas estancias de turismo, que são Cintra, Cascais e Estoril.

Usam a lampada

MAZDA

Uma tourada como ha poucas

Uma tourada como ha poucas, a de ontem no Campo Pequeno: Por ser em festa de João Nuncio, o primeiro dos toureiros portugueses; por ter este contratado Marcial Lalanda, o primeiro dos toureiros espanhóis; e ainda por se lidarem touros de herdeiros de Emilio Infante da Camara, os primeiros criadores de touros portugueses.

Outros elementos apreciaveis tinha o honrado cartaz desta corrida de «primeiros» — como a primeira apresentação da ganaderia do dr. Libanio Esquivel, a presença de D. Alexandre d. Mascarenhas e da «cuadrilla» de Marcial, com seus picadores e bandarilheiros, além dos nossos. E por tudo isto se encheu o circo do largo Afonso Pena. E valeu a pena porque a tourada foi animada, uma tourada como ha poucas.

O dr. Libanio Esquivel enviou seis touros bem apresentados e sérios, seis touros para serem picados e mortos á espanhola, porque assim, á portugueza, difficil é apreciar-lhe as condições. E, francamente, para «isto» que entre nós se costuma fazer, não cria um «ganadero» os seus touros...

Os dois da divisa azul e branca confirmaram a categoria da vacada e valeram boas ovações aos lavradores que num camarote se encontravam com os seus hospedes espanhóis, «caballistas» dos melhores da Sevilha, como Aurelio Sanchez Mejias. E por de excellentes «jinetes» se tratar queremos afirmar ao publico que todos eles ficaram encantados com a arte de João Nuncio, que já conheciam de Sevilha mas que encontraram melhor, se é possível, mais cavaleiro, mais toureiro!

Realmente, estamos na presença dum toureiro extraordinario que dignifica a tauromaquia portugueza, dum cavaleiro que honra a equitação lusitana, dum figura que é para nós o que «Joselito» foi para os espanhóis, o que Marcial, seu legitimo sucessor, é actualmente.

Grande foi a impressão causada pela arte de Marcial, mas maior, muito maior deve ter sido, para os que tem intuição e sinceridade, a arte admiravel de João Nuncio, artista que attingiu o maximo da perfeição, como equitador e como toureiro.

— Cento e cinquenta anos estivemos em Portugal á espera dum toureiro, dum Toureiro, mas já o temos! — disseram ontem Vitor Ribeiro, que é um «aficionado», aqui e em Espanha.

Considerando João Nuncio aquele toureiro que todos nós esperavamos, não esqueçamos, evidentemente, aqueles que o antecederam, como Fernando de Oliveira, D. Ruy da Camara, José Casimiro e alguns dos actuais, mas o caso é que o cavaleiro de Alcacer reúne um conjunto de circunstancias que lhe permitiram atingir o maximo, o limite da perfeita arte de tourear a cavallo. E, no estado em que ele e os seus cavalos se encontram actualmente acreditamos que ninguém lhe possa disputar o lugar, como, aliás, se verá no domingo proximo, sem que esta profecia implique esquecimento da serie de consecutivos e ineditos exitos obtidos em Espanha por Simão da Veiga Junior.

A emoção que ontem sentimos frente á arte de João Nuncio fez-nos vibrar de tal forma que, abandonando a tarefa ingloria de anotar detalhes, mal podemos recordar o que foi a pagina que ele escreveu para a Historia do Toureiro e que nós não sabemos escrever para as columnas do jornal. Bastará lembrar que assistimos a uma admiravel lição da arte de tourear a cavallo e á mais completa exhibição da arte de domar cavalos, cavalos domados pelo proprio que os leva a todos os terrenos e a todas as sortes — farpas, «curtos» e bandarilhas a duas mãos — rematadas com harmonia e graça, em rotações caprichosas na cara do inimigo.

D. Alexandre de Mascarenhas, que entende os touros e está bem montado, sofreu do paralelo com João Nuncio, ainda que com este alternasse dignamente no toureio a duo.

Recordamos ainda um par de «Rafaelillo» e alguns momentos da lide á espanhola, esquecendo aquela vara que ficou «enebrada». E não quere-



JOÃO NUNCIO

mos recordar mais nada, nem certos «bornais» nem incertas decisões de ordens e contra ordens para «pégas de cernêlia» que seriam massudos epilógicos em touros como o lidado pela «cuadrilla» de Marcial.

Da tourada de ontem queremos apenas lembrar a arte de Marcial e a consagração definitiva de João Nuncio como primeiro dos cavaleiros portugueses, como toureiro que nos honra em toda a Peninsula.

EL TERRIBLE PEREZ

Touros de Emilio Infante no domingo proximo no Campo Pequeno, e em festa artistica de Agostinho Coelho — Simão filho, João Nuncio e o espada «Cantimplas».

A festa artistica de Agostinho Coelho, preparada para domingo, no Campo Pequeno, marcará, como a corrida de ontem, uma excelente tarde de touros.

Talqualmente fez João Nuncio, Agostinho Coelho procurou elementos e valores autenticos a tudo quanto se diga de elogio á sua organização, nunca será exagerado. Simão da Veiga, filho, e João Nuncio formam uma sensacional «pareja» de cavaleiros; o novilheiro Rafael Saco «Cantimplas» é um adonadissimo toureiro e é, sobretudo, um artista primoroso em bandarilhas, tendo herdado essa faculdade de seu pai, o velho e insigne bandarilheiro «Cantimplas»; os grupos de bandarilheiros e forcados são esculpulosamente escolhidos; os touros são do sr. dr. Emilio Infante da Camara.

Entre os touros vem o «Dourado», oferecido pelo sr. dr. Emilio Infante.

Este touro foi o que em 27 de abril colheu seriamente Agostinho Coelho, á galola. Agostinho, no proximo domingo, lida-lo-ha a sós, e far-lhe-ha, outra vez, a sorte de «galola».

Um espectáculo de variedades taurinas em Alges. Incluindo uma ferra e lide de varias rezas por gente conhecida

A ferra de novilhos, que é uma das mais animadas e engraçadas fainas de campo, será feita na tarde de 10 do corrente, feriado da cidade, na Praça de Alges, por um grupo de destemidos rapazes de Alges, Belem, Alcantara, etc., e por um grupo de arrojadadas raparigas, sendo de grande interesse a competencia entre os dois grupos. Ao todo sairão á arena, para esse effeito, 14 novilhos, sendo a ferra dirigida por José Casimiro Gomes, o conhecido cavaleiro.

Além da ferra, ha lide de varias rezas, em que tomam parte José Casimiro Gomes, o novilheiro Pedro Gorrão, um grupo de bandarilheiros alunos da Escola Antonio de Carvalho, Antonio de Carvalho, como auxiliar de lide, e um grupo de forcados. Também ha uma «D. Tancreda».

As entradas custarão apenas 2\$50 no sol e sombra e \$400 na sombra ás pessoas que conseguirem os bilhetes de convite, que esta semana serão distribuidos nas fabricas de Lisboa e na Praça do Campo Pequeno, na corrida de domingo proximo.

Retratos a côres

Os retratos coloridos estão em moda. Na Photographia Brasil executam-se maravilhosos retratos de senhoras e creanças a Aguarela ou Oleo.

R. da Escola Politecnica, 141

A industrialização do Arsenal da Marinha

De ha muito que se desenha nos nossos meios navais uma corrente favoravel á industrialização do Arsenal da Marinha.

Justifica-se tal opinião que vem tomando maior vulto nos ultimos tempos?

Não tem o Arsenal correspondido inteiramente aos fins para que foi criado?

A volta deste assunto muito se tem discutido, parecendo na verdade que é absolutamente necessario industrializar aquele estabelecimento fabril do Estado.

Nos ultimos anos a produção do Arsenal tem sido reduzida, contribuindo talvez para isso a situação financeira.

Desde a implantação da Republica até hoje o Arsenal construiu apenas 4 contra-torpedeiros, 7 canhoneiras e 2 rebocadores, o que representa um deslocamento total de 6.000 toneladas.

Esta estatística é suficientemente elucidativa: um navio leva, em media, ano e meio a construir, no Arsenal de Lisboa.

Alegam aqueles que superintendem nos serviços de construções navais, as razões justificadoras de tal deficiencia.

Torna-se portanto necessario, ou eliminar essas causas ou remodelar profundamente os serviços, industrializando-os.

As reparações feitas no Arsenal, custam ao Estado, o dobro do preço da industria particular e arrastam-se na maior parte das vezes por longo tempo.

—A que se deve isto?

E' ao Estado que compete averiguar e remediar. E nós sabemos que o sr. ministro da Marinha, que é um homem ponderado, inteligente e trabalhador, está estudando com o maior cuidado tão magno problema, que briga com os interesses da Fazenda Publica.

O que se vai fazer

Anunciava um jornal da manhã de ontem que o sr. comandante Magalhães Correia pensa, de facto, em industrializar o Arsenal, entregando a sua exploração a uma empresa particular.

Informava ainda o mesmo jornal, que nesse caso iniciar-se-ia ali a construção de dois cruzadores de 2.000 toneladas, quatro contra-torpedeiros, dois submersiveis e duas canhoneiras de 1.000 toneladas.

A construção destas unidades que constituiriam a primeira parte de um programa naval, seria dirigida por technicos nacionais e estrangeiros que vão ser convidados a apresentar as suas propostas.

Está absolutamente assegurada a situação dos operarios que neste momento trabalham no Arsenal.

Falamos hoje com um official distintissimo da nossa Armada, que nos disse:

—Julgo essa noticia talvez extemporanea. E' ainda cedo para se dizer tanto.

—Mas ha necessidade de industrializar o Arsenal?

—Estou convencido de que não ha na Marinha qualquer official que discorda da industrialização.

—O que ha de verdade sobre novas construções?

—Estão feitos os planos de duas grandes canhoneiras de .000 toneladas e 70 metros de comprimento destinadas ás colonias.

E a terminar:

—Tudo o que se disser além disto é prematuro.

ESTORIL
Hotel do Parque

CARTAZ

TEATROS

Associação — A's 21,45 — «Revolução».
 Apollo — A's 20,45 e 22,45 — «Senhor da Serra».
 Avenida — A's 20,45 e 22,45 — «A Bola».
 Maria Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — «Pé de vento».
 «Parque Mayer» — A's 21 — «The 2 yankees».

ANIMATOGRAFOS

311. Luis Cine — A's 21.
 Tivoli — A's 21.
 Olympia — A's 15 e 20,30.
 Central Cinema — A's 21.
 Cinema Condor — A's 21.
 Chislo, Terrace — A's 21.
 Odeon — A's 21.
 Royal Cine, Rua da Graça, 100 — A's 21.
 Rex Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina) — A's 20,30.
 Galv. Ideal — A's 20,30.
 Star Cinema — R. Alvim.

Dancing's

Maxim's — Baile e Variedades.
 Bristol Club — Baile e Variedades.

TEATRO AVENIDA

HOJE — DUAS SÉSSOES

às 8,45 e 10,45

Grande êxito da fita sonora e sincronizada

A Melodia do Pavor

e a linda revista

A BOLA

FUNERAES TEL. 1094 N.
 MARIO MILHEIRO
 RUA DOS ANJOS, 131.
 SERVIÇO PERMANENTE
 PREÇOS RESUMIDOS.

Parteira

Diplomada

JUDITH SILVA

TELEF. T. 4688

PARTICIPO às minhas clientes que mudei o meu consultório, que fica sendo definitivo, para a rua dos Remolares, 12, 3.º, ao Cais Sodré, carro à porta, consulta das 10 às 6 da noite. Tratamento das doenças das senhoras, análises de urinas. Preços módicos, chamadas a qualquer hora.

Quer a sorte grande?
 Habilite-se na tabacaria MADRID
 Rua do Mundo, 115

A feliz Tabacaria

Condeixa

distribuiu pelos seus estimáveis frequentadores, na lotaria de sábado, os seguintes prémios

1586	em vigesimos	1.000\$00
3361	numero certo	1.000\$00
4110	em cautelas	1.000\$00
4160	numero certo	2.000\$00
4160	em cautelas	2.000\$00
4184	em cautelas	1.160\$00
7491	1 bilhete vendido inteiro	2.000\$00
7520	bilhete certo vendido inteiro	1.000\$00
8795	bilhete vendido inteiro	1.000\$00

A proxima lotaria é de

3.000.000\$00

que se realiza a 14 de junho

Bilhetes a.....	840\$00
Meios a.....	420\$00
Quartos a.....	210\$00
Decimos a.....	84\$00
Vigesimos a.....	42\$00
Quadragesimos a.....	21\$00

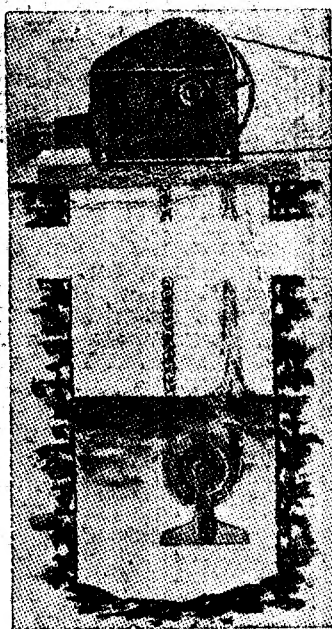
V. ex.ªs não tenham duvidas!
 Só tem dinheiro a todos quem se habilitar nesta feliz casa.

Pedidos a

João Condeixa

211 — Rua Arco Bandeira — 211
 (Proximo ao Rocio)

Pelo correio mais um escudo
Sempre prémios grandes



OFICINA ELECTRO MECANICA

Costa & Delgado, L. da

CONSTRUTORES

Extractor de Agua

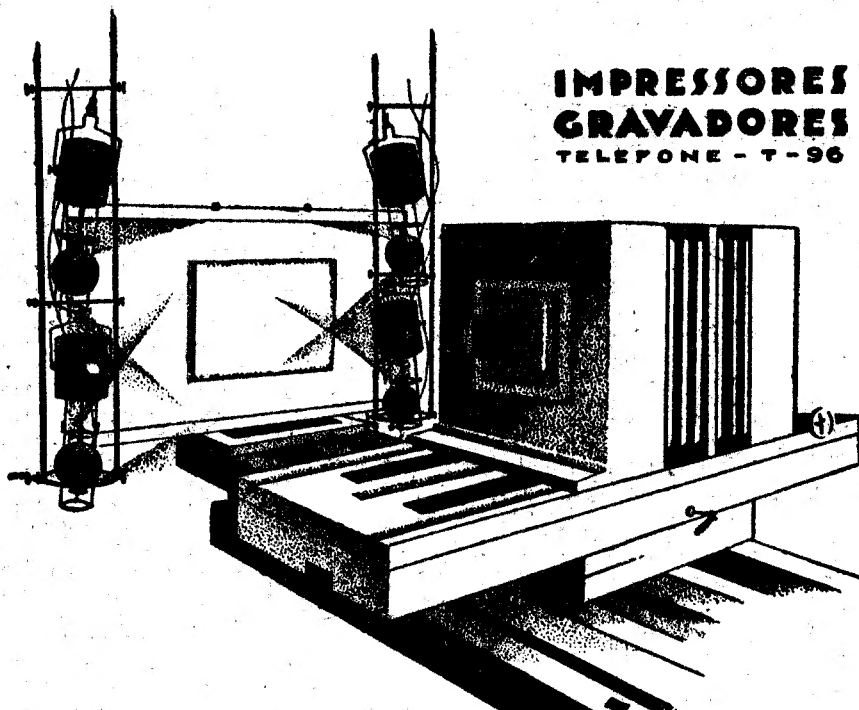
"HYDRAULUS"

por correntes metalicas qualquer débito a qualquer profundidade com o menor consumo e o maior rendimento

AS MELHORES REFERENCIAS!

R. dos Industriais, 23

Telef. T. 199 — LISBOA



IMPRESSORES
GRAVADORES
 TELEFONE - T-96

BERTRAND IRMÃOS, L.ª

TRICROMIA — FOTOGRAVURA — ZINCOGRAFIA — DESENHO

SECÇÃO ESPECIAL DE GRAVURA PARA JORNAIS

Trabalhos Tipográficos

Composição Mecânica e Impressão de Catálogos, Revistas, Postais, etc., etc.

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

A Paulistana

Casa Especial de Café de S. Paulo (Brasil)

Gerencia de Adriano Teles

Fornecedora das Embaixadas do Brasil, Espanha e da Legação dos Estados-Unidos da America

Novo Salão de vendas na Avenida Fontes
 Pereira de Melo, n.ºs 52-A e 52-B

Bar-americano-Café Expresso-Venda
 a retalho-Pequenos almoços-Lunchs

Cocktails

Pedidos pelo Telefone N. 6368

Quer a sorte grande? Sortes grandes?

Habilite-se na tabacaria MADRID

só o PINA as vende

Rua do Mundo, 151

75 — Rua de S. Paulo — 77

Por escritura de 7 de Maio de 1930, lavrada nas notas do notário abaixo assinado, a sociedade em nome colectivo Joaquim Duarte & C.ª (Filhos), foi transformada em sociedade por cotas, de responsabilidade limitada, passando a reger-se pelas clausulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade em nome colectivo Joaquim Duarte & C.ª (Filhos), com sede nesta cidade e constituída por escritura de hoje lavrada nestas notas, a fôlha trinta e sete deste livro, de que éles outorgantes são os únicos socios, é transformada numa sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, que girará sob a firma Joaquim Duarte & Filhos, Limitada, devendo o emprego da firma restringir-se ás operações sociais, não podendo, pois, ser empregada em letras de favor, fianças, abonações ou outros actos de responsabilidade alheia.

2.º

A sede continua em Lisboa, e o estabelecimento continua na Rua Nova do Deatério, 5 e 7, particular, e 25, particular, e 14 da mesma rua, a duração continua indeterminada, o seu começo continua a considerar-se desde 1 de Setembro de 1929, e o seu objecto continua sendo a exploração da industria e comércio de artigos de cerâmica ou quaisquer outros que os socios de comum accordo resolvam explorar com excepção do comércio bancario.

3.º

O capital social continua sendo de 6.000\$, em dinheiro dividido em quatro cotas de 1.500\$ cada uma, subscritas uma por cada sócio e todas integralmente realizadas.

4.º

Os balanços anuais continuarão a encerrar-se em 31 de Dezembro, devendo estar aprovados nos primeiros três meses do ano seguinte.

5.º

Por conta da sua conta de lucros, cada um dos socios poderá retirar da caixa, mensalmente, a quantia que lhes for fixada em reunião dos socios, que constará da respectiva acta.

6.º

Os lucros, depois de retirados 5 por cento para o fundo de reserva legal, serão distribuidos pelos socios na proporção das suas cotas, proporção que se observará na repartição das perdas se as houver.

7.º

Dissolvendo-se a sociedade em vida dos socios procederão a licitação entre éles, sendo o estabelecimento social, com todo o seu activo e passivo, adjudicado áquella que mais oferecer.

8.º

Que o socio Joaquim Duarte, tendo em todos os efeitos direitos perfeitamente iguaes aos de todos os outros socios, seus filhos, não ficando, contudo, deveres definidos para com a sociedade, quanto a trabalhos ou á fiscalização da mesma sociedade, podendo, portanto, apenas trabalhar ou auxiliar os seus filhos quando e como melhor o entender.

9.º

Todos os socios são, por igual, gerentes da sociedade, mas para que esta fique obrigada, em juizo ou fora d'ele, é indispensavel que assinem sempre o socio Joaquim Duarte, em conjunto com qualquer dos outros seus filhos, socios da presente sociedade.

10.º

Não serão exigíveis prestações suplementares, mas qualquer dos socios poderá fazer á caixa social os suprimentos de que ela carecer, mediante o juro de desconto da taxa do Banco de Portugal.

11.º

A cessão de cotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade em primeiro lugar e dos socios em segundo lugar, que terão, respectivamente, o direito de opção tanto por tanto.

12.º

Dado o falecimento ou interdição de um dos socios, optarão os seus herdeiros ou representantes pela continuação na sociedade, e neste caso fazer-se-hão representar na mesma por um só. Não querendo continuar na sociedade receberão da mesma o que se verificar pertencer ao falecido ou interdição, em capital, suprimentos e lucros, tudo segundo o que constar da respectiva escrituração, e tudo se fará sem necessidade de novo balanço, pois os lucros ultimos, ainda então por verificar, serão contados conforme e na proporção do ultimo balanço aprovado.

13.º

A admissão ou demissão do pessoal far-se-ha sempre de harmonia com o assentimento do socio Joaquim Duarte.

14.º

Em todo o omissão regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação applicavel.

Está conforme.—Lisboa, 15 de Maio de 1930.
 —O Ajudante do Notário, Domingos Mario Andrade.

3.000.000\$00

Em 14 de Junho

Bilhetes	840\$00
Meios	420\$00
Decimos	84\$00
Vigesimos	42\$00
Cautelas	11\$00
Quadragesimos	21\$00

Pedidos a

CAMPEÃO & C.ª

Rua do Amparo, 116

Chapeus de feltro cor gri
grande moda para substituir os de
palha, muito leve
Preço desde 45\$00
Chapelaria Garcez
50, R. da Palma, 52

ESTRANGEIRO

SWING

a melhor lamina, especial para
bóbas rijas, fabricada em
SANDVIKEN SUECIA

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

A hora da Aviação

RIO DE JANEIRO, 2.

De regresso de Buenos Aires, encontra-se nesta capital o aviador Mermoz, que foi recebido pelo dr. Washington Luis. O Aero-Club ofereceu-lhe um grande banquete, ao qual assistiram o governo, o embaixador de França, altas personalidades e aviadores brasileiros.

Pronunciaram-se discursos calorosos. Mermoz vai empreender a viagem do Natal ao Senegal.

ROMA, 2.

O comandante Maddalena e o tenente Cecconi, partidos na sexta-feira, às 5 e 31, do aeródromo de Montecelio, para tentarem bater o «récord» do mundo da distancia e duração em circuito fechado, sobre o percurso: Montecelio, Ostia, Ladispoli, Anzio, aterraram à meia noite e 46 em Montecelio.

Os aviadores, que se conservaram no ar durante 67 horas e 15 minutos, conquistaram para a Italia dois «récores» que até agora pertenceram respectivamente aos alemães Ristitz e Zimmermann e aos franceses Coste e Codos.

A politica francesa

DIJON, 2.

No final de um banquete a que assistiram duas mil pessoas, o sr. Tardieu traçou o balanço da politica geral, desenvolveu a concepção do estado moderno e expôs o seu programa de futuro.

Referindo-se á politica interna declarou que o governo desejaria ver agrupadas as diversas opiniões republicanas de que os radicais mais constituem cada vez mais os elixos.

Acerca da politica externa confirmou a sua dedicação á obra da paz a que o sr. Briand tem assegurado a continuidade em seis gabinetes.

Azenhas do Mar
HOTEL BELA-VISTA
Curas de repouso
PREÇOS REDUZIDOS
TELEF. N. 3155
e Praia das Maças, 10

Grande Hotel Estrade
Monte Estoril
Telefone 9 — Estoril

Isabel Palatin de Godoy
FALECEU

José Godoy Zembrano, Isabel Godoy de Ruiz, seus filhos e netos, Maria Francisca Godoy Duarte, seu marido e filho, Carlos Godoy Palatin e sua mulher, Baldomera Palatin de Cantanedo e seu filho (ausentes), Engracia Ustriz de Palatin e seus filhos (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida esposa, mãe, irmã, avó, bisavó, sogra, cunhada e tia, e que o seu funeral se realiza amanhã, terça-feira, pelas 15 horas, saindo o preito funebre da Rua de Santa Marta, 75, para o cemitério Oriental.

Trata a Agencia Costa, R. de Santa Marta, 11. — Telefone N. 1866.

O FASCISMO ITALIANO

Mussolini

prossegue na sua ansia

oratoria e belica

Mussolini, que continua dando largas á sua ansia oratória e belica, fez na praça do Domo, de Milão, em Roma, um novo discurso em que declarou estar certo de que os «camisas negras» garantem o resultado que ele se propõe com as suas orações, e que consiste em impedir que o povo italiano se deixe levar pelas habilitações dos que querem passar por cor-deiros e são autenticos lobos, caindo assim em surpresas que são trágicas na Historia.

Rejeitando argumentos e defesas que classifica de grotescas e ridiculas, declara que os seus adversarios saltaram por cima do espaço e do tempo como verdadeiros saltimbancos.

A situação economica da Italia deve ser proclamada em Roma, que é o centro mais importante da sua produção. Esta situação economica não é pior que a dos outros países, mas, seja como for, o Governo italiano tomou uma série de medidas que nem os esquecidos de profissão podem esquecer.

Seu Governo — continua Mussolini — não é um ministerio mas sim um regime. Este regime não é o produto duma composição ou descomposição magica dos grupos parlamentares, mas sim o esforço heróico dos «camisas negras». É uma insurreição, uma revolução que tem de manter-largo periodo de luta.

Deste regime diz Mussolini não ser o chefe e creador, mas sim um defensor que o vê caluniado na sua doutrina, vilipendiado e ultrajado na posse dos seus chefes.

E afirma estar bem informado do que algures se prepara e do espirito que domina os seus visinhos.

Depois de ter feito alusões que o auditorio sublinha com risos de troça, classifica de absurdo o boato de estado de sitio em Milão e de desembarque de tropas italianas na Albania, acrescentando:

«Na presença destas provas, de evidente e perfeita má fé, não podemos ter ilusões nem permitilas ao nosso povo».

O orador recorda depois que a Italia entrou na guerra ha quinze anos e teve 652.000 mortos, 400.000 mutilados e um milhão de feridos.

Após quarenta meses de duras provas, conseguiu-se a victoria para todos os aliados. Isto não é recordado para reviver odios, porque a Italia deseja a paz até com os inimigos. Mas é que foi depois da guerra que começou a revolução italiana que trouxe uoito consequemti tornar o seu povo consciente protagonista no seu scenario historico.

A intervenção italiana preparou o caminho ao fascismo e tornou possível a marcha sobre Roma. O povo italiano é hoje senhor dos seus destinos e todas as classes sociais estão armadas, desde os operarios até aos estudantes. E se o povo está armado assim é porque se dispõe para a defesa dos seus direitos sob o simbolo do fascismo.

«Estamos seguros do nosso futuro, e para ele preparamos todas as energias necessarias para que os acontecimentos nos não surpreendam. Ninguém pode já abrigar duvidas quanto ao idealismo e ao espirito fascista do povo italiano desde que este oferece o espectáculo da milicia e amanha dará os batalhões que se comprometerão a servir durante dez anos a causa da revolução e da patria».

A victoria de que Mussolini fala como se fora apenas dos italianos, saiu mutilada de Versailles mas está no coração da Italia. E para o demonstrar convida o orador todos os presentes para em 28 de Outubro de 1932 celebrarem a segunda década da revolução fascista.

E Mussolini termina gritando que todos devem levantar alto as espingardas que são simbolo da sua fé invencível.

Cocomalt

Adds 70% More
Nourishment to MILK

Café Tavares

Menú especial de almoços das 12 ás 3 horas

SALAS RESERVADAS
para banquetes e luncas para casamentos

Deposito da Covilhã

Brindes a todos os freguezes

Grande Sortido de Lindas fazendas para verão

Cortes de lãtos, desde 34\$50
Cortes de sobretudos, desde 7c\$50
Sobretudos já feitos, desde 180\$00

Vendas directas das fabricas ao publico

Não confundir

ROCIO, 93, 1.º

Manda amostras ao domicilio e para a provincia

ANUNCIO

Por sentença de 17 de Janeiro do ano corrente, com transito em julgado, profepida na acção de divorcio que Maria Inacia de Almeida Costa move contra Antonio Maria Santos de Sousa Moura, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjuges

Lisboa, 23 de Maio de -930.

O escriptão da 2.ª secção da 4.ª Vara Cível, Antonio Vieira Alves Borges. — Verifiquei — O Juiz de Direito, Casimiro de Almeida.

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

Os grandes jornais

LONDRES, 2.

Efectuou-se a fusão de dois diários liberais londrinos, o «Daily News» e o «Daily Chronicle», com uma tiragem conjunta de aproximadamente 1.600.000 exemplares.

O novo jornal combinado appareceu esta manhã sob o titulo de «Daily News and Chronicle».

Os boatos da fusão começaram correndo ha algumas semanas, mas os respectivos corpos de redacção só ontem á noite tiveram conhecimento.

O «Daily Chronicle», o primeiro matutino a apparecer nas ruas, contava cerca de 50 anos de existencia, contando muitas notaveis reportagens jornalisticas nos seus «récores».

O «Daily News» teve como primeiro director o grande novelista Charles Dickens, tendo, antes da guerra, absorvido parte da tiragem do seu rival liberal, e tornando-se, depois da guerra, a gazeta ministerial.

O artigo de fundo do jornal combinado exprime a opinião de que as modernas condições impõem a compressão de despesas, estando, no entanto, a ser tomadas as medidas necessarias para evitar o despedimento de pessoal.

Os dois jornais sempre trabalharam em linhas paralelas, e agora, a sua influencia combinada, em apolo do progressivo liberalismo no país e da paz e cooperação nos assuntos internacionais.

A agitação na India

BOMBAIM, 2.

Um ataque gigantesco teve ontem lugar, contra o deposito de sal de Wadala, durante o qual numerosos assaltantes ficaram feridos na luta com a policia.

Este ataque foi o ultimo da estação em Wadala, e em Darshana está proximo o fim das incursões que não devem ir além do meado do corrente mês, porque durante a monção que se aproxima, os depositos e marinhas de sal serão inacessíveis.

POLICLINICA DE SANTO ANTÃO

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 84, 2.º

Telefone: Trindade 4631

Clinica Medica. Pele e sifilis, ás 9 e ás 17 horas: Dr. Guido Cabral.

Doenças da boca e dos dentes, ás 14 horas: Dr. Francisco Sátúrio Paiva.

Doenças das creanças e dos países quentes, ás 9 horas: Dr. Nuno Vaz.

Doenças das senhoras, ás 17 horas: Dr.ª Fernanda Pinto Ferreira.

Ouvidos, nariz e garganta, ás 11 horas: Dr. Gustavo d'Almeida.

Rins e Vias urinárias, ás 13 horas: Dr. Arnaldo Pinto.

Dr. Armando Narciso

Clinica medica

P. dos Restauradores, 48, 1.º

Telet. 2756 T.

Ceramica de Construção

TELHAS

(de todos os tipos)

MANILHAS DE GRÉS

TIJOLOS

(de todos os formatos)

PRODUCTOS REFRACTARIOS

AZULEJOS

(brancos, pintados e artisticos)

LADRILHOS DE CIMENTO

PRODUCTOS DE CLARIA

LOUÇA SANITARIA

MOSAICOS DE GR S CERAMICO

DAS FABRICAS DA

Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania

Antiga Fabrica Bossière

Rua do Arco do Cego, 88, (Campo Pequeno)

Telefones: 547-N. e 2626-N. — Telegramas: LERLISB

Quer a sorte grande?

Habilite-se na tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

ODEON HOJE
às 21 horas
A formidável epopeia histórica
A Revolução de Dezembro
A sugestiva comédia-vaudeville
Abaixo os homens!!

ULTIMAS NOTICIAS

No Salão de
LAURA MARINHO
encontra V. Ex.ª as últimas
criações em chapéus de sebhara
R. N. da Trindade, 9-20
Esquina do Chiodo ascensor

16.ª AUDIENCIA

O discurso de Antonio Osorio proferido em Santa Clara

(Continuação da pagina central)

Bandeira é que sabia que os termos do contrato não correspondiam a verdade, que não houvesse quitação alguma, que tudo aquilo era falso. O Banco de Portugal exigirá de Waterlow a satisfação correspondente pela sua leviandade, e ha-de pagar, não haja duvida, os prejuizos que causou.

E apontando o reu:

—Mas não pode haver paridade alguma entre a boa fé de Waterlow e a suposta boa fé de José Bandeira e de Marang, porque estes sabiam bem — o que Waterlow não podia saber —, que os termos do contrato já denunciavam uma pouca vergonha.

"Então como é que...?"

Depois o sr. dr. Osorio foi ao tribunal a circunstancia de Marang conseguir que o inglês lhe entregasse as cartas para Innocencio Camacho, cartas que passavam para a mão de José Bandeira. Se Marang e José Bandeira estivessem convencidos de que o Banco de Portugal, e os seus directores, embora corruptos, eram os mandatarios da emissão, não se teriam oposto a que Waterlow escrevesse directamente ao governador do Banco de Portugal.

De degrau em degrau, subindo a escada do raciocinio, apoiado a cinco anos de estudo, a acusação apresenta factos sucessivos tendentes a esta prova: «José Bandeira sabia, tão bem como Reis, embora Reis não lho confessasse, que contratos e emissão era uma burla, mesmo dentro da convicção em que estava de que as assinaturas eram da pena dos proprios».

—Então como é que Reis, por maior que fosse a sua habilidade, podia convencer os seus cumplices (que a defesa dá como em plena boa fé) de que num contrato feito com o proprio Estado, com o proprio Banco, havia que ter em conta as dificuldades de passagem das malas de notas na fronteira? Como é que o ministerio das Finanças não dava ordem a Alfandega de Villar Formoso para deixar passar as «malas» do sr. Marang? Eles deviam ter, pelo menos, neste momento, a certeza de que o Governo não tinha nada com aquilo tudo...

O sr. dr. Antonio Osorio está-se referindo ao contrato privado entre o alemão, o holandês, José Bandeira e Reis, e chega à conclusão de que nesse contrato, Reis vinha a ficar com a terça parte dos lucros, visto que nessa altura ele já sabia que 45 mil contos dos 105 mil a dividir não pres-tavam, por erro de serieção (vogais duplas, etc.).

E depois começa a apreciar a constituição do Banco Angola e Metro-pole.

E diz:

—Nessa altura, maio de 1925, José Bandeira já devia saber que não havia corrupção alguma, que tudo era falso, contratos, assinaturas, cartas. Mas admitamos que até agosto ainda acreditava na corrupção de Mota Gomes, e outros. D'ali para diante, seguramente, José Bandeira convenceu-se de toda a extensão criminosa da burla, para onde o atirou Alves Reis.

E nesta ordem de ideias, dominando o Tribunal, o advogado do Banco de Portugal continua a falar às 16 horas. Esperam-se a todo o momento os novos elementos probatorios da cumplicidade evidente e que se estão sendo anulado ha dias.

OS JORNALISTAS PORTUGUESES NA BELGICA

Nasceu o sol em Antuerpia

ANVERS, maio. — Eduardo Marquina escolheu para uma das suas peças, que Lisboa conhece, este titulo original: *En Flandes se ha puesto el sol*. Pois bem: a minha cronica de hoje pode com propriedade intitular-se: *Nasceu o sol em Antuerpia*.

A bruma cinzenta que tem envolvido nos ultimos dias a cidade, entristecendo-nos a alma ensoalhada pela luz incomparavel de Portugal, levantou ontem como por encanto e o sol vestiu de alegria a fisionomia triste de Anvers.

Animaram-se as ruas. Desapareceu a nota característica do chapéu de chuva. A Exposição teve uma concorrência invulgar.

De manhã, alguns jornalistas belgas acompanharam-nos numa visita ás instalações do porto, deste formidável porto de Anvers, onde tem a sua testa 200 linhas de navegação e onde estão atracados só neste momento 450 vapores.

Sente-se através do labirinto das docas por onde nos conduziram a poesia vigorosa do guindaste, a força metódica e disciplinada do cavalo-vapor, a resistencia prodigiosa da eclusa que contém as aguas e que a um simples movimento representativo da nossa vontade abre passagem aos grandes «leviathans» negros e cinzentos que se preparam para sulcar em todas as direcções a imensidade azul das grandes estradas maritimas.

Depois de percorrer os braços do Escalda que formam o porto de Anvers, compreende-se melhor o orgulho patriótico desta cidade, que é o grande centro comercial da Flandres. Orgulho que se adivinha, que se sente nas fisionomias rosadas, no gesto desenvolvido, na confiança que tem em si proprios e na audacia natural destes simpáticos flamengos que se cruzam nas ruas cosmopolitas de Antuerpia.

Como o sol se encarregou hoje de iluminar o scenario sombrio que envolve durante nove meses no ano a cidade flamenga entre todas excelentes, havia crianças que brincavam nas ruas estreitas do bairro de Santo André e até as Virgens de devoção popular que se vêem nas esquinas dalgumas casas seiscientistas sorriam alegremente nos seus nichos de granito.

Les Vièrges des carrefours, imagens ingenuas que uma lampada votiva ilumina durante a noite e que lembram certas gravuras antigas do Museu Plantin, são elas que protegem o bom flamengo, economico, activo e previdente, contra todas as incertezas que a vida lhes reserva.

E' ainda uma Virgem que preside aos leilões judiciais que se fazem todas as semanas no *Marché des Vendredis*, uma especie de Feira da Ladra onde vão dar fundo os mais pitorescos destroços de todos os naufragios humanos.

O sol entretém-se a brincar com estas pedras evocativas da cidade velha, emprestando-lhe um encanto que a bruma lhe roubava. Proximo do Museu Plantin, maravilha de reconstrução através da qual se acompanha toda a evolução das artes graficas na famosa Antuerpia seiscientista, erguem-se algumas casas características em *pi-gnon*, documentos architectonicos de inapreciavel valor que ainda restam da velha Flandres dos seculos gloriosos e mercantis em que os portugueses vinham vender aqui as especiarias da India.

E uma Antuerpia nova, moderna e progressiva, ergue-se a par desta cidade antiga que se prolonga á beira do Escalda, abraçando o rio com a volúpia duma mulher que se entrega por amor. Avenidas longas, bordadas por construções modernas, de linhas elegantes e sóbrias. Através das cortinas preciosas de rendas que se vêem nas janelas, adivinha-se o conforto dos interiores flamengos. Cantelros de tulipas põem uma nota agradável de cor e de frescura na cidade moderna, onde os grandes monumentos de musicos, de pintores, de soldados, de escultores e de patriotas constituem a melhor pagina de Historia que este povo glorioso tem escrito com a tenacidade prodigiosa do seu senso pratico.

E a caminho da Exposição, corolario insofismavel do esforço despendido em cem anos de independencia e da riqueza que a Belgica reconstruida atingiu após o pesadelo da guerra, os carros electivos vão cheios de gente que veio para a rua gosar a alegria do sol, deste sol que nasceu em Antuerpia para nos reconciliar com o cariz cinzento da Flandres.

NORBERTO LOPES

O primeiro dia de empréstimo

Como era de prever, durante o dia de hoje, primeiro da subscrição, tem havido, nos bancos e corretores, enorme affluencia de subscritores do empréstimo de consolidação.

Eduardo dos Santos (Edurisa)

Visitou-nos o nosso brilhante colaborador e jornalista portuense Eduardo dos Santos (Edurisa) que esteve entre nós acompanhando, como representante do «Comercio do Porto», o Orfeon d Porto.

TEATRO APOLO 2 sessões às 8 1/2 e 10 1/2
revista **SENHOR DA SERRA**

No SAO LUIS

PREMIO DE BELEZA

O verdadeiro triunfo do Cinema Sonoro

TEATRO MARIA VICTORIA DUAS SESSÕES
às 8,30 e 10,30
PREÇOS POPULARES A Rainha das Revistas
PE' DE VENTO

Um camarote de 1.ª ordem 20\$00
Uma cadeira (ant. fauteuil) 4\$00

Uma superior (ant. cad.) 3\$50
UMA GERAL 3\$00

A CASA PIA

Completa em três de Julho 150 anos de existencia

No proximo dia 3 de Julho faz precisamente cento e cinquenta anos que foi fundada a Casa Pia de Lisboa. Trata-se de uma data bem digna de ser assinalada na historia da educação e da instrução populares em Portugal.

Como se sabe o intendente de policia Pina Manique tomou a iniciativa de fundar tão prestimoso estabelecimento, custeado de começo com os rendimentos privativos da intendencia que eram importantes.

A Casa Pia, por esse tempo, destinava-se não apenas a proteger orfãos e a prepará-los para a vida, pois tinha um objectivo de maior alcance social e pedagogico estando organizada para funcionar também como escola de altos estudos pela qual passaram alguns dos mais ilustres escritores e homens de sciencia.

Encontrava-se então instalada no Castelo, sendo muitos os seus alunos que frequentavam as Academias de Marinha e Artilharia, a Universidade e outras escolas.

Com as invasões francezas e o desaparecimento de Manique, a Casa Pia atravessou um periodo critico. Mas, reconhecida como indispensavel a sua existencia, foi, quando livre de estrangeiros o nosso territorio, transferida para o Desterro onde se conservou até 1833. Nesta data realiza-se a transferencia para as dependencias do convento dos Jeronimos onde tem feito uma vida exemplarmente brilhante.

As duas datas caspianas a comemorar brevemente são os cento e cinquenta anos da fundação, em 3 de Julho deste ano, e o centenario da transferencia para Belem, a celebrar em 1933.

A comemoração do 150.º aniversario da fundação está sendo preparada pelos actuais e pelos antigos alunos, tudo indicando que ela resultará digna da instituição e do seu passado.

Uma burla

de 1.200 contos

O sr. dr. Raul de Magalhães, sub-director da Policia de Investigação Criminal, encarregou o agente Baldy Belém de proceder a investigações referentes a uma burla de cerca de 1.200 contos.

Conferencia de trabalho

Foram nomeados delegados de Portugal á 14.ª sessão da Conferencia Internacional do Trabalho, a realizar em Genebra no dia 10 do corrente, os srs. dr. Augusto de Vasconcelos, Vasco de Quevedo, José Almada, Rodrigues Pereira, Carlos Ermida e José Augusto Machado.

Joaquim Anibal Tavares

Causou grande successo entre a classe e entendedores a linda e fascinante exposição de Joaquim e Quirivesaria que o nosso amigo sr. Anibal Tavares, inaugurou na sua casa da Rua da Prata, 97, depois de ter passado por grandes modificações, tornando-a uma das melhores do genero.

No conjunto das montras magnificamente ornamentadas, vimos verdadeiras maravilhas de arte e gosto entre as quais se destacava uma salva de prata que esteve exposta na Feira de Amostras do Estoril onde foi tão almirada e um jarro, estilo D. João V, outra salva artisticamente cinzelada reproduzindo do celebre quadro «A primeira missa no Brasil» e que bem demonstram que este nosso amigo é uma das primeiras autoridades neste assunto.

A casa tem sido visitada por centenas de pessoas que felicitam efusivamente Anibal Tavares pelo arrojado, magnificencia e deslumbramento da sua linda e inextinguivel exposição.